



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
GRADUAÇÃO EM MUSEOLOGIA

GABRIEL DOURADO FERNANDES DA SILVA

**PERFORMANCES MUSEAIS AFETIVAS RIZOMÁTICAS BRUTAS: MEMÓRIAS
OLEIRAS E A OLARIA ARTESANAL DA DONA LEONTINA SOARES E DE SEU
ANTÔNIO FERREIRA EM SÃO SEBASTIÃO - DISTRITO FEDERAL**

Brasília-DF

2025

GABRIEL DOURADO FERNANDES DA SILVA

**PERFORMANCE MUSEAIS AFETIVAS RIZOMÁTICAS BRUTAS: MEMÓRIAS
OLEIRAS E A OLARIA ARTESANAL DA DONA LEONTINA SOARES E DE SEU
ANTÔNIO FERREIRA EM SÃO SEBASTIÃO - DISTRITO FEDERAL**

Monografia apresentada ao Curso de Museologia como
requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em
Museologia.

Orientadora: Prof.^a Dra. Renata Silva Almendra

Brasília - DF

2025

CIP - Catalogação na Publicação

Sp

SILVA, GABRIEL DOURADO FERNANDES DA .
PERFORMANCES MUSEAIS AFETIVAS RIZOMÁTICAS BRUTAS:
MEMÓRIAS OLEIRAS E A OLARIA ARTESANAL DA DONA LEONTINA
SOARES E DE SEU ANTÔNIO FERREIRA EM SÃO SEBASTIÃO - DISTRITO
FEDERAL / GABRIEL DOURADO FERNANDES DA SILVA;

Orientador: RENATA SILVA ALMENDRA. Brasília, 2025.
10 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação - MUSEOLOGIA)
Universidade de Brasília, 2025.

1. Performances Museais Afetivas Rizomáticas Brutas. 2.
Memórias Contra-hegemônicas. 3. Olaria Artesanal. 4. São
Sebastião/DF. I. SILVA ALMENDRA, RENATA, orient. II. Título.

GABRIEL DOURADO FERNANDES DA SILVA**PERFORMANCE MUSEAIS AFETIVAS: MEMÓRIAS OLEIRAS E A OLARIA
ARTESANAL DA DONA LEONTINA SOARES E DE SEU ANTÔNIO
FERREIRA EM SÃO SEBASTIÃO - DISTRITO FEDERAL**

Monografia submetida ao corpo docente do Curso de Graduação em Museologia, da Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília – UnB, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Bacharel em Museologia.

Aprovado por:

**Renata Silva
Almendra**

Doutora em
História pela
Universidade de
Brasília

Clovis Carvalho Britto

Doutor em Museologia pela
Universidade Lusófona de
Humanidades e Tecnologias

**Girlene Chagas
Bulhões**

Mestra em Performances
Culturais pela
Universidade Federal de
Goiás



Documento assinado eletronicamente por **Renata Silva Almendra, Professor(a)
de Magistério Superior da Faculdade de Educação**, em 22/02/2025, às 17:58,
conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria
0003/2016 da Universidade de Brasília.



Documento assinado eletronicamente por **Clovis Carvalho Britto, Professor(a) de Magistério Superior da Faculdade de Ciência da Informação**, em 22/02/2025, às 18:21, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.



Documento assinado eletronicamente por **Girlene Chagas Bulhões, Usuário Externo**, em 25/02/2025, às 08:06, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.unb.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **12398178** e o código CRC **21C05B19**.

Referência: Processo nº 23106.015026/2025-36

SEI nº 12398178

Endereço: Campus Universitário Darcy Ribeiro - Gleba A, , Brasília/DF, CEP 70910-900

Telefone: e Fax: @fax_unidade@ - <http://www.unb.br>

Dedico ao povo negro, aos povos indígenas, o povo pobre, a comunidade LGBTQIA+, aos aquilombamentos e malocas, a todo corpo dissidente, todas/os/es que compartilham da sede da revolta contra o todo patriarcado branco, hétero, eurocentrado e todas suas mazelas.

À toda comunidade de São Sebastião, que me recebeu, aos , mestras e mestres dos saberes, a Paulo Dagomé pela parceria e colaboração, a Edvair Ribeiro, pelos aprendizados e compartilhamento de reflexões, à Dona Leontina e seu Antônio Ferreira, seu filho Doryedson Caldeira, que me acolheram com afeto e carinho, à Aline Karina, pela amizade e fortalecimento.

Aos meus pais, Dona Neide e Seu Antônio, cuja sabedoria ancestral me ensinou a lutar com estratégia e a seguir com coragem e propósito.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a minha mãe e meu pai pelo apoio e por acreditar no meu potencial. Minhas amigas Thais Souza, Deuzite Santiago, Thanity Andrade, Allana Alves, Pamela Bernardino, Allana Alves, Yasmin, vocês foram fundamentais para enxergar na Museologia caminhos possíveis de transgressão, nossas discussões pelos corredores da UnB fortaleceram nosso aquilombamento. Um agradecimento especial para meu amigo e artista de São Sebastião, Ricardo Caldeira, que fez pontes de conexões feitas com agentes da cultura local e, também, pelos conselhos.

Minha orientadora querida, prof. Renata Silva Almendra pela paciência, compreensão, motivação e autonomia, acreditando que eu era capaz de enfrentar esse desafio. O prof Clovis Carvalho Brito pelas recomendações de leituras contra-hegemônicas, referenciais teóricos e olhar crítico. A prof Girlene Chagas Bulhões pelo carinho, afeto, compartilhamentos de saberes, o ensinar de um olhar sensível, pelos cafés, rodas de conversa; com certeza minha formação terá como referencial sua coragem, determinação e seriedade. O prof Valdemar de Assis Lima pelas recomendações de leitura decoloniais, por me apresentar Catherine Walsh, Franz Fanon, Françoise Vergès. Minha saudosa gratidão a todas/os professores da Faculdade Ciência da Informação da Universidade de Brasília e todas/os professores que passaram pela minha trajetória na UnB!

Agradeço imensamente a minha querida amiga Aline Karina, por todo apoio e parceria ao longo deste trabalho. Sua generosidade ao me conduzir pela Rota Turística de São Sebastião/DF, proporcionando um olhar mais sensível e aprofundado sobre o território, foi essencial para a construção deste estudo. Além disso, sou imensamente grato pelo contato com as mestras e mestres dos saberes, e pelas possíveis articulações futuras que surgiram a partir dessa experiência. Seu entusiasmo e comprometimento foram fundamentais para ampliar minha compreensão sobre o tema e fortalecer minha pesquisa.

Agradeço, também, ao griô Edvair Ribeiro, que me inspirou com suas histórias e sabedoria. À dona Leontina e sua família, que abriram suas portas e compartilharam suas experiências, cafés, conversas, proporcionando-me um ambiente de aprendizado e acolhimento. Ao Paulo Dagomé, poeta cuja sensibilidade e palavras trouxeram novas perspectivas ao meu trabalho. E ao Chico

Metamorfose, pela sensibilidade e dedicação em apresentar sua instituição e trabalho, foram fundamentais. Vocês são faróis de resistência, cujas vidas e lutas me ensinaram a perseverar na construção de um mundo mais justo e humano.

RESUMO

Este trabalho investiga o conceito de Performances Museais Afetivas Rizomáticas Brutas (PMARB), explorando sua aplicação no projeto Memórias Oleiras e na olaria artesanal de Dona Leontina Soares e de Seu Antônio Ferreira, em São Sebastião-DF. A pesquisa analisa como a memória cultural e as narrativas afetivas são preservadas e transmitidas pela comunidade local, contrastando com a lógica hegemônica de espaços museológicos tradicionais, que frequentemente silenciam memórias de grupos vítimas de marginalização. As PMARB, conceito desenvolvido por Gílrene Chagas Bulhões, são compreendidas aqui como práticas museológicas que vão além da exposição de objetos, incorporando experiências sensoriais, emocionais e interpessoais na preservação da herança cultural. O estudo destaca como os projetos Memórias Oleiras e Sebas Turística ressignificam o patrimônio local por meio do envolvimento comunitário, transformando a olaria em um espaço de resistência e salvaguarda da história de São Sebastião. A pesquisa baseia-se em metodologias qualitativas, incluindo observação participante, análise documental e entrevistas com moradores. Os resultados indicam que a valorização das memórias afetivas e da oralidade fortalece a identidade cultural da comunidade e promove um olhar crítico sobre o papel dos museus na preservação de memórias periféricas. Dessa forma, este estudo reafirma a importância de práticas museológicas mais inclusivas, que reconheçam e deem protagonismo às narrativas silenciadas.

Palavras-chave: Performances Museais Afetivas Rizomáticas Brutas, Memórias Contra-hegemônicas, Olaria Artesanal, São Sebastião/DF.

ABSTRACT

This paper investigates the concept of Raw Rhizomatic Affective Museum Performances (RRAMP), exploring its application in the Memórias Oleiras project and in the artisanal pottery of Dona Leontina Soares and Seu Antônio Ferreira, in São Sebastião-DF. The research analyzes how cultural memory and affective narratives are preserved and transmitted by the local community, contrasting with the hegemonic logic of traditional museum spaces, which often silence the memories of marginalized groups. The RRAMP, a concept developed by Girelene Chagas Bulhões, are understood here as museological practices that go beyond the exhibition of objects, incorporating sensorial, emotional and interpersonal experiences in the preservation of cultural heritage. The study highlights how the Memórias Oleiras and Sebas Turística projects resignify local heritage through community involvement, transforming the pottery into a space of resistance and safeguarding the history of São Sebastião. The research is based on qualitative methodologies, including participant observation, documentary analysis and interviews with residents. The results indicate that valuing affective memories and oral tradition strengthens the cultural identity of the community and promotes a critical view of the role of museums in preserving peripheral memories. Thus, this study reaffirms the importance of more inclusive museological practices that recognize and give prominence to silenced narratives.

Keywords: Affective Museum Performances, Counter-hegemonic Memories, Artisanal Pottery, São Sebastião-DF.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|----|
| Figura 1: Sítios Arqueológicos no Distrito Federal | 22 |
| Figura 2: Escavação arqueológica no Sítio Ville de Montagne II | 23 |
| Figura 3: Artefato lítico na escavação arqueológica no Sítio Ville de Montagne II | 24 |
| Figura 4: Registro fotográfico da sede da Fazenda Papuda. Data imprecisa. | 28 |
| Figura 5 - Oleiros na olaria da Novacap na região da RA-São Sebastião (1956 a 1960) | 31 |
| Figura 6 - Visão ampla da olaria da NOVACAP na região da RA-São Sebastião (1956 a 1960) | 32 |
| Figura 7 - Mapeamento de 100 olarias e cerâmicas de São Sebastião – DF | 33 |
| Figura 8 - Acesso ao Bairro São José - São Sebastião em 13/09/1995 | 34 |
| Figura 9 - Identidade visual do projeto Memórias Oleiras | 45 |
| Figura 10 - Paulo Dagomé (à esquerda) e Edvair Ribeiro (à direita) apresentando o projeto Memórias Oleiras para os alunos do CEF Miguel Arcanjo | 46 |
| Figura 11 - Apresentação do projeto na 3ª Feira Literária de São Sebastião em 2016 | 47 |
| Figura 12 - Pintura “A cruz do Morro” do artista Chico Metamorfose | 51 |
| Figura 13 - Ação do Sebas Turística no Centro Educacional São Francisco em 2019 | 52 |
| Figura 14 - Mapeamento de atrativos turísticos de São Sebastião, elaborado pelo Sebas Turística em 2022 | 53 |
| Figura 15 - Visita à Olaria Vereda em 2022 | 56 |
| Figura 16 - Visita às ruínas da Cerâmica Arte no Setor Tradicional em São Sebastião | 57 |
| Figura 17 - Visão frontal das ruínas da Cerâmica Arte que exerceu suas atividades entre a década de 1960-1970. | 58 |
| Figura 18 - Chico Metamorfose fazendo a mediação do seu grafite, intitulado “Cara Legal” | 59 |
| Figura 19 - Vídeo do depoimento de Domingos Ludovico no canal Memórias Oleiras | 65 |

| | |
|---|----|
| Figura 20 - Vídeo do depoimento de Maria Fuiça no canal Memórias Oleiras | 69 |
| Figura 21 - Dona Leontina explicando o saber-fazer dos tijolos artesanais a um grupo escolar | 70 |
| Figura 22 - Doryedson Caldeira ensinando o método do saber-fazer dos tijolos artesanais para um grupo de estudantes | 71 |
| Figura 23: Dona Leontina fazendo mediação para um grupo de visitantes em sua olaria em 2019 | 72 |
| Figura 24: Dona Leontina fazendo mediação para um grupo de visitantes em sua olaria em 2019 | 72 |

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| I. INTRODUÇÃO | 10 |
| 1. CAPÍTULO 1: ENTRE A PEDRA LASCADA, OLEIRAS E OLEIROS ATÉ ATUALIDADE: A FORMAÇÃO DE SÃO SEBASTIÃO, DISTRITO FEDERAL, E SEU CONTEXTO REGIONAL | 19 |
| 1.1. FORMAÇÃO HISTÓRICA, CULTURAL E SOCIAL | 21 |
| 1.2. TRADIÇÃO OLEIRA E LUTAS PELO DIREITO À MORADIA | 27 |
| 1.3. SÃO SEBASTIÃO NA ATUALIDADE | 36 |
| 2. CAPÍTULO 2: RESSONÂNCIAS ENTRE PRESERVAÇÃO, CONTRANARRATIVAS E PERFORMANCES MUSEAIS | 39 |
| 2.1. MEMÓRIAS OLEIRAS - TIJOLO POR TIJOLO | 42 |
| 2.2. SEBAS TURÍSTICA - SOU TIJOLO, SOU CONSTRUÇÃO, SOU SÃO SEBASTIÃO! | 48 |
| 2.2.1. PERCORRENDO AS ROTAS DO SEBAS TURÍSTICA | 55 |
| 3. CAPÍTULO 3: “EU ACHEI MUITO BONITO A ATITUDE DE LEVANTAR ESSE PROJETO. A GENTE NÃO FICOU ESQUECIDO, NE?! MUITO BOM RELEMBRAR, NÉ?!”: PERFORMANCES MUSEAIS AFETIVAS RIZOMÁTICAS BRUTAS EM SÃO SEBASTIÃO | 61 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 75 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 77 |
| REFERÊNCIAS IMAGÉTICAS E VÍDEOS | 81 |
| ANEXO A - CARTILHA DO GUIA TURÍSTICO: ROTAS SEBAS TURÍSTICA | 83 |

1. INTRODUÇÃO

Este é um Trabalho de Conclusão de Curso em Museologia, da Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília-FCI/UnB. A proposta é analisar o projeto Memórias Oleiras, desenvolvido por moradores de São Sebastião - Distrito Federal, lançando um olhar mais específico para a olaria de Dona Leontina Soares e Seu Antônio Ferreira, relacionando com o protagonismo de culturas contra-hegemônicas, em sua oralidade e sua relação com a interculturalidade crítica. A RA¹ XIV - São Sebastião/DF, está localizada na bacia hidrográfica do rio São Bartolomeu e apresenta uma dinâmica de ocupação desde a transferência da antiga capital brasileira, Rio de Janeiro, para o Planalto Central, hoje chamada Brasília. Inicialmente, o desenvolvimento urbano de São Sebastião teve uma trajetória que envolveu a exploração de terras por lotes clandestinos destinados às classes média e baixa, sobrevivendo ainda da ocupação espontânea promovida pelo abastecimento do comércio de areia e da mineração de olarias para fornecer parte da demanda durante a construção da nova capital (Dias, 2017).

Na minha trajetória pessoal, a primeira vez que tive contato com a temática foi fazendo um curta-metragem para a disciplina de Projeto Interdisciplinar no ensino médio, abordando a construção do bairro Noroeste em Brasília, em 2009, que ocorreu devido uma medida do ex-governador do Distrito Federal, José Roberto Arruda, que autorizava a construção do bairro, desapropriando parte do território de uma reserva indígena, da etnia Fulni-Ô. Tal fato, atrelado à minha vivência no Gama, periferia do Distrito Federal, uma entre tantas “favelas organizadas”, parafraseando o artista GOG na canção “bem-vindos ao Gama” de 1991, me despertou-me um olhar para questões de disputas territoriais que, para mim, é também uma explícita disputa de narrativas e memórias.

Acredito ser importante destacar aqui meu local de fala como pesquisador e, antes disso, morador de periferia. Esse atravessamento me dá força para lutar pela minha comunidade com foco na redução das desigualdades existentes no Brasil e na tentativa de corrigir injustiças da qual sou afetado todos os dias. Ser a primeira pessoa da família materna e paterna a acessar o ensino superior público é de extrema importância para minha geração passada, que não conseguiu ter o mesmo acesso.

¹ Região Administrativa, dentro do contexto do Distrito Federal, compreende-se segundo o art. 31 da Lei n. 4.545/64, área urbana, área em expansão ou área rural que são incorporadas segundo decreto do governador do DF.

No entanto, é curioso como meus caminhos me levaram à Museologia. Trabalhava como garçom e surgiu o desejo de fazer um curso superior. Antes de decidir o curso superior que queria fazer, pensei em como meu conhecimento poderia ajudar as pessoas ao meu redor. Neste processo, encontrei a Museologia no vestibular que estava prestando para a Universidade de Brasília em 2017 e obtive a vaga ao final do processo seletivo.

O despertar do afeto e carinho que criei pela ciência, surgiu a partir da minha família. Mesmo que eles não tivessem o hábito de ir a nenhum museu ou até mesmo ter frequentado o ensino superior, o desejo de memória dos meus pais, a preservação de memórias materiais e imateriais, sempre estiveram presentes no meu núcleo familiar, fortalecidas pelos almoços de domingo e pela oralidade dos mais velhos. Meu pai, seu Antônio Fernandes, hoje aposentado, trabalhou como gari em Brasília e achou diversos objetos no lixo. Tudo era guardado, cédulas antigas, as primeiras pinturas dos filhos quando estavam no maternal, fotografias, relembrando o tempo em que chegou no território do Distrito Federal para a construção de Brasília, em 1958, vindo de Coremas/PB. O que mais lhe chamou a atenção foi um anel de formatura com pedra de esmeralda que achou na coleta de lixo no bairro da Asa Norte, no Plano Piloto. O anel ficou anos com minha família, simbolizando todas as memórias de lutas e conquistas que a vinda para Brasília trouxe. Porém, meu pai precisou vender o anel, pois não estava conseguindo custear os livros dos meus irmãos. Nesta trajetória, tive muitos brinquedos, mochilas, até um par de tênis que me serviu por muitos anos. Cada objeto guardado trazia diversas estórias/histórias atravessadas de afeto. E minha mãe, Rosineide da Conceição, nascida em Sobradinho/DF em 1962, sempre me ensinou a necessidade de lembrar do passado para não esquecermos de onde viemos e para onde vamos, refletindo sobre quão importante é preservar memórias e enxergar poesia onde ninguém a vê. Escolher trilhar os rumos da Museologia, fortalece o objetivo da minha família, e da maioria das famílias brasileiras, que é ocupar os lugares de poder que foram historicamente negados para nossa ascendência. Tanto minha família materna como a paterna vieram da Região Nordeste para a construção de um sonho, como ter acesso à moradia, saneamento básico, educação, saúde, a todo progresso e modernidade que a criação da Capital Federal Brasileira pretendia alcançar, mas que acabou resultando em segregações sociais, raciais, espaciais, econômicas.

Encontrei na Museologia, durante minha trajetória acadêmico/profissional, lentes para observar a sociedade através da cultura material e imaterial produzida, tendo como ponto de partida o uso social da memória e a desigualdade social brasileira no acesso aos bens culturais e à memória.

Neste contexto, o uso social da memória incute-se na cidadania e reivindicação de direitos negados, que não está preocupada em “dar voz” às comunidades, mas sim em “evidenciar suas vozes”, como declara a escritora indiana Arundhati Roy (2006 apud Vergès, 2023, p. 245) na sua obra *An Ordinary Person's Guide to Empire* “Na verdade não existem pessoas ‘sem voz’. Existem apenas pessoas que são deliberadamente silenciadas, ou que se prefere não ouvir”. Nesse contexto me deparei com o projeto Memórias Oleiras. O referido projeto nasceu por iniciativa da comunidade, tendo como articuladores e responsáveis os moradores de São Sebastião, Edvair Ribeiro e Paulo Dagomé. Em 2016², decidiram reunir documentos oficiais, fotografias, depoimentos dos oleiros e dos pioneiros da cidade com o objetivo de preservar e divulgar a memória cultural de São Sebastião, no Distrito Federal, por intermédio dos processos da identificação, digitalização e comunicação de documentos oficiais e acervos fotográficos do Arquivo Público do Distrito Federal. O projeto reúne um acervo documental, com entrevistas dos pioneiros da comunidade em formato audiovisual, documentos oficiais, fotografias e álbuns de famílias locais. Aliado à preservação que o projeto realiza, a rota turística Sebas Turística do projeto Turismo Fora do Avião, que surgiu em 2016 com a turismóloga Aline Karina Dias, também é um fomentador da salvaguarda e valorização da herança cultural de São Sebastião, promovendo um turismo sustentável e responsável, gerando renda e empregos para a comunidade através de suas ações. Dentre as suas atividades, estão o reconhecimento e o protagonismo de personalidades históricas que compuseram para a formação de São Sebastião e na construção de Brasília e são invisibilizadas pelas narrativas oficiais da história local. Um exemplo é o trabalho na Olaria Vereda, que o projeto realiza juntamente com a anfitriã Dona Leontina Soares e sua família, no bairro em São Sebastião, no contexto da atividade oleira da região, que começa em 1969, quando vieram para o sonho de novas oportunidades de emprego nos arredores da nova capital federal. Ela nasceu em 1955 em Minas Gerais e chegou à região na década de 60 para trabalhar nas olarias da região. Ela é uma das narradoras que pode contribuir para a

² Site do projeto e página contendo informações sobre sua idealização <<https://memoriasoleiras.com.br/apresentacao/>> Acesso em 26 de set. de 2024.

(re)construção da história de uma das olarias artesanais de São Sebastião e do casal pioneiro que a fundou (Dias, 2017).

Os conceitos de Memória e Esquecimento sempre caminham juntos. Eles são amplamente debatidos nas ciências sociais e humanas, especialmente quando se trata de processos de lembrança e esquecimento social, sob a égide do poder hegemônico patriarcal e branco. Como nos ensina Pollak (1989), o que pode ser lembrado por alguns, para outros sempre há “zonas de sombra, silêncios e não-ditos”, o que justifica que nossa memória é seletiva e que sempre vai estar em diálogo com o esquecimento. Tendo em vista a memória institucionalizada da construção de Brasília e todos os esforços para preservar sua história e seus bens culturais, percebe-se um silenciamento de memórias das comunidades e cidades que estão ao seu redor. De forma a confrontar tais narrativas hegemônicas, este trabalho pretende lançar esperança de novas estratégias para os espaços sujeitos ao processo de periferização do Distrito Federal, mais especificamente para São Sebastião, entendendo a importância e a necessidade da sociedade brasileira, especificamente do DF, juntamente com o Poder Público, de preservação de patrimônios históricos, artísticos e sociais de memórias vítimas do processo de marginalização.

Ainda que Brasília seja reconhecida nacional e internacionalmente por instituições como o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) e a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), que preservam sua história e seu plano urbanístico modernista, pouco se preserva a memória de quem veio para construir a cidade. A título de exemplo, a história que está por trás do monumento “Candangos” localizado na Praça do Três Poderes em Brasília/DF, feito pelo artista plástico Bruno Giorgi em 1960 para a inauguração da cidade, nos revela que o monumento foi erguido para homenagear dois operários negros, Gildemar e Expedito, que morreram soterrados na construção dos edifícios da Universidade de Brasília (Lemos, 2022). Os cidadãos que vieram para trabalhar na construção de Brasília, são lembrados como “candangos”³ e não pelos seus próprios nomes, dando impessoalidade em quem, realmente, “colocou a mão na massa”, bem como aqueles que tiveram a vida ceifada por tal

³ Segundo Siqueira e Machado (2016), essa denominação veio como rótulo dado pelos próprios brasilienses que observavam os migrantes, vindo especialmente da região nordeste, como pessoas subalternas que viviam em condições precárias e insalubres as margens do Plano Piloto, “deslocados a áreas sem infraestrutura” (SIQUEIRA; MACHADO, 2016, p. 97). Portanto, opta-se, como metodologia não-violenta, o abandono desse termo nesta pesquisa.

empreitada, cuja memória muitas vezes é esquecida da narrativa oficial da história do Distrito Federal.

Em contraponto ao processo de silenciamento de memórias periféricas, é importante destacar iniciativas comunitárias como o projeto Memórias Oleiras e a rota turística Sebas Turística. Estes projetos ressaltam a importância das olarias, bem como dos oleiros e oleiras, na história de construção de São Sebastião e a sua memória social. Essa memória não se encontra apenas voltada para as olarias, mas também no território da comunidade, como a gameleira, o Morro da Cruz etc, correspondendo ao que chamamos aqui de território de memória. Dado o início destas discussões, professores, colegas, e até mesmo os moradores da comunidade incentivaram a minha proposta de pesquisa de monografia sobre a importância das olarias nas memórias afetivas da comunidade, especialmente da olaria da Dona Leontina Soares, e de seu esposo, Seu Antônio Ferreira. Parto, portanto, da lacuna, da falta ou do inexistente olhar da Museologia para tais questões nesta Região Administrativa do Distrito Federal e também da reflexão que Vergès (2023) traz em sua obra Descolonizar o museu: Programa de desordem absoluta “Mas a decolonização do museu ocidental é possível?” (p.14), da qual inspirada no pensamento fanoniano, reforça que para que os museus se tornem decoloniais não basta somente expor obras ou temas relacionados a decolonialidade, mas sim horizontalizar os processos decisórios sobre a memórias de comunidades vítimas de marginalização e ainda lutar e refletir contra as “hierarquias de gênero, classe, raça, religião” (p.14) que assolam as instituições museológicas.

A presente pesquisa visa sistematizar um acervo documental e de memórias sobre as/os pioneiros de São Sebastião, bem como, das olarias da região, com a pretensão de que um dia esse acervo esteja disponível para todos os brasilienses e interessados em pesquisar sobre o Distrito Federal. A pesquisa parte das seguintes indagações: Como se deu o processo de formação cultural, geográfica, social e histórica da cidade de São Sebastião? Qual a relação da comunidade com as olarias e quais iniciativas fazem relação com o uso social da memória local? Como a Museologia pode contribuir para o uso social da memória (Lima, Paim, 2020) de comunidades fadadas às regiões periféricas aos grandes centros urbanos?

Assim, o objetivo geral desta pesquisa é analisar e investigar as Performances Museais Afetivas Rizomáticas Brutas (PMARB) na Olaria da Dona Leontina Soares e de seu Antônio

Ferreira em São Sebastião/DF, bem como no projeto Memórias Oleiras. Como objetivos específicos, elenco: Contextualizar a formação histórica, social, geográfica e cultural da região administrativa de São Sebastião e sua relação com as olarias; investigar o projeto Memórias Oleiras e a Rota Turística SebasTurística, seus trabalhos de preservação das heranças culturais de São Sebastião, bem como, a relação da comunidade com as olarias locais.

Nesse sentido, destaco aqui o conceito de PMARB, cunhado pela museóloga Girelene Chagas Bulhões (2018) dialogando com Langdon (2006) e Camargo (2013) que abordam o conceito de Performances Culturais, que traz à tona que visitas em espaços museológicos “implica na experiência imediata, emergente e estética” (Langdon, 2006 apud Bulhões, 2018, p 25), associada à experiências individuais e coletivas que podem ser rasas ou profundas, possuindo “afeto na obra e da obra” (Camargo, 2013 apud Bulhões, 2018, p.25). A prática de elaborar experiências museológicas evidencia não exclusivamente a exposição de objetos, mas tão quanto as conexões emocionais, sensoriais e interpessoais entre os públicos visitantes e o acervo museológico. A abordagem garante a busca pela integração de memórias aos afetos coletivos e individuais, transformando o espaço museal em um ambiente de envolvimento multissensorial e emocional. Assim, PMARB “permitem novas leituras polissêmicas” (Bulhões, 2017, p. 148).

O que motivou a elaboração desse projeto foi o evento de demolição em 2022, de um importante símbolo histórico dos moradores de São Sebastião, a Cerâmica Nacional, vindo de uma decisão da Companhia de Desenvolvimento Habitacional do Distrito Federal - Codhab, com aprovação do Governador Ibaneis Rocha, para a construção de um bairro habitacional na região. Além de episódios antigos, como o caso da destruição de uma árvore de importância histórica para comunidade, uma gameleira, da qual nomeia a avenida que ela estava localizada. Influenciados, recentemente, pelos governos neo-liberalistas , o Brasil se tornou um solo fértil para ataques aos povos indígenas, quilombolas e populações vulneráveis socialmente, aumentando o descaso com os aparelhos culturais no país. Exemplos que exemplificam esse desmonte/destruição das heranças culturais brasileiras, temos o caso do incêndio do Museu Nacional no Rio de Janeiro, em 2018, causado pela negligência do Estado brasileiro. O fogo consumiu grande parte do acervo de mais de 20 milhões de itens, apagando séculos de pesquisa, história e informação da formação da sociedade brasileira, bem como, das/os primeiras/os habitantes do território que hoje entendemos como Brasil, como é o caso, do crânio mais antigo

das améreas, achado na região de Lagoa Santa, estado de Minas Gerais, datando, segundo pesquisas de datação de carbono, uma idade de 11,5 mil anos atrás. Outro caso de descaso e o que houve com o acervo da Cinemateca Brasileira, na cidade de São Paulo em 2021, onde a perda foi calculada entre 600 e 1000 filmes foram queimados, fora a quantidade de rolos que não possui estimativa.

Associado ao desinteresse do Governo do Distrito Federal em relação à proteção da memória local, o presente estudo parte da hipótese que a investigação de memórias silenciadas nas PMARB (Bulhões, 2017) de São Sebastião, considerando que é a forma de emancipação cultural para um efetivo uso social da memória. Tendo em vista que São Sebastião possui a segunda maior população parda e negra e a quinta pior renda *per capita* do Distrito Federal (PDAD, 2022) e todos os desafios de infraestrutura, saneamento básico, verifica-se a urgência de preservação, no seu sentido político-crítico, de memórias periféricas aos centros urbanos, e a forma que deve ser feita em prol da transformação social e da autoestima da comunidade por meio de uma Saúde Cultural (Costa, 2020)⁴.

No caso de São Sebastião, as memórias e as PMARB sofreram um violento processo compulsório de urbanização da região administrativa que não atingiu apenas a olaria, mas sim pessoas, espaços, monumentos. Como exemplo, existia uma gameleira⁵ no centro de São Sebastião que ocupava uma posição de destaque em frente ao Campo Central, tornando-se um importante ponto de encontro desde os primórdios da construção da cidade. Além disso, o local abrigava celebrações tradicionais da comunidade, feiras e até mesmo o primeiro ponto de telefone. A importância histórica da árvore era tão significativa que uma das principais vias da cidade recebeu o nome de Rua da Gameleira em homenagem a ela. No entanto, em 1996, a árvore foi derrubada abruptamente para dar lugar à construção de um ponto de ônibus e lojas comerciais. A ação causou um grande impacto na população, que mantinha uma conexão afetiva com a árvore, pois ela representava um ponto essencial de encontro e convivência de todas e todos, causando a indignação dos moradores da cidade. O caso foi levado para o Iphan para seu possível tombamento/registo, o que não suscitou em nenhuma resolução, mas culminou em uma

⁴ O conceito Saúde Cultural (COSTA, 2012, p.91) se torna importante devido ao reconhecimento que a herança cultural não é somente uma coleção de objetos antigos, mas sim um meio vital da identidade e do bem-estar dos indivíduos.

⁵ A Gameleira é uma árvore de origem africana que exerce uma atribuição vital para o fornecimento de alimentos e habitat para uma gama de espécies, o que contribui para a biodiversidade local. Em diversas culturas africanas, suas raízes aéreas são lidas como a conexão dos céus e da terra, um símbolo de ligação entre o material e o espiritual.

exposição coletiva: *Raízes de São Sebastião*, realizada na Galeria RAXIV, em 2022. O evento foi voltado para debater tais questões, da qual houve, com apoio dos marcadores, a fixação de uma placa no local onde ficava a árvore, demarcando a área que se encontrava, e debater sobre as matrizes culturais da cidade.

Para contribuição no campo da Museologia e dos Museus, em âmbito regional, a pesquisa é proposta para que os profissionais do campo, juntamente com o Poder Público e a sociedade civil, possam valorizar e reconhecer as memórias locais excluídas das narrativas dominantes, conscientizando toda a sociedade, principalmente as futuras gerações, para sua preservação, em seu sentido crítico. Assim, a pesquisa de memórias lesadas ao silenciamento do poder hegemônico, pode ser uma ferramenta importante para mobilizar as comunidades vítimas de periferização em torno de causas comuns e promover a resistência contra a opressão, relembrando as lutas do passado e as conquistas alcançadas, inspirando a comunidade a enfrentar os desafios atuais e futuros. Sobretudo, a pesquisa pretende elucidar que os territórios periféricos não são apenas lugares de escassez e da falta de algo, mas sim um lugares de lutas, sonhos e conquistas, tendo em vista a memória como direito fundamental e eloquente para tal ação, refletindo que a vida das pessoas, antes de qualquer produção científica, é o mais importante.

O contato que tive com os projetos de preservação da memória dos moradores de São Sebastião/DF em 2022, a partir da visita à exposição coletiva “Raízes de São Sebastião”, despertou meu interesse e ressaltou meu compromisso com as memórias contra-hegemônicas do DF. Para isto, a proposta metodológica deste projeto de pesquisa seguirá em forma básica, descritiva e exploratória, de cunho qualitativo, uma vez que se baseia no estudo de caso das PMARB (BULHÕES, 2017) especialmente da olaria artesanal de Dona Leontina e do Seu Antônio Ferreira em São Sebastião/DF, tendo como base o projeto Memórias Oleiras e a rota turística “Sebas Turística”, que abordam questões sobre valorização das heranças culturais locais. Segundo Yin (2015) os estudos de caso são úteis quando o objetivo é buscar questões de alta complexidade em suas situações naturais, o que permite ao pesquisador uma observação detalhada de variáveis e interações das quais não poderiam ser vistas isoladamente em ambientes experimentais. Como relata o autor, “O estudo de caso pode ser utilizado para responder perguntas do tipo ‘como’ e ‘por que’, quando o pesquisador tem pouco controle sobre os eventos em estudo” (Yin, 2015, p. 21).

Assim, a pesquisa e revisão bibliográfica estarão focadas em memórias de culturas alvo do processo de periferização pelo poder hegemônico. A escolha do referencial teórico se deu a partir de uma perspectiva que dê centralidade para teóricos de pensamento contra-hegemônico, distanciando ao máximo de referenciais teóricos eurocêntricos.

Assim, os dados da minha pesquisa foram reunidos por meio pesquisa documental e bibliográfica, estudo de caso do projeto Memórias Oleiras e da rota turística Sebas Turística, por meio de uma natureza qualitativa e observação participante e passiva.

Os documentos que foram usados são a Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios - PDAD, realizado pela Companhia de Planejamento do Distrito Federal - Codeplan, no ano de 2021, além de fotografias, reportagens, documentos oficiais do Arquivo Público do Distrito Federal, arquivos dos moradores, bem como, suas depoimentos em história oral advindos do projeto Memórias Oleiras e do trabalho de concu que irão contextualizar a formação social e histórica da cidade de São Sebastião. Foram utilizadas diversas referências das falas de moradores da cidade em entrevistas em *live*⁶ na plataforma de vídeos YouTube, no canal Memórias Oleiras , bem como os registros das relações da população com suas memórias, para que assim haja a reflexão sobre contribuições do campo da Museologia para a continuidade das ações feitas pela comunidade.

Para isto, no primeiro capítulo foi feita uma contextualização histórica, geográfica e social sobre São Sebastião. Foi abordada a relação da comunidade com a tradição oleira, bem como toda a produção epistêmica do saber-fazer, baseada nas memórias das/os oleiras/os pioneiras. No segundo capítulo, abordamos os lugares e monumentos consagrados como espaços de memória afetiva pela comunidade, o conceito de memória, PMARB (Bulhões, 2017), insculpidos em ressonâncias entre preservação, colecionismo e afetos, materializados nos projetos Memórias Oleiras e na rota turística “Sebas Turística”. O capítulo permitirá ao leitor compreender sobre a luta e proteção de suas memórias, advindas dos movimentos sociais da comunidade. No terceiro e último capítulo, a proposta foi analisar as PMARB (Bulhões, 2017) que ocorrem dentre os projetos referidos acima, expondo o engajamento comunitário e seus aspectos simbólicos e culturais.

⁶ Tradução para português: “Ao vivo”. Refere-se a um termo que indica uma transmissão em tempo real.

CAPÍTULO 1

ENTRE A PEDRA LASCADA, OLEIRAS E OLEIROS ATÉ ATUALIDADE: A FORMAÇÃO DE SÃO SEBASTIÃO, DISTRITO FEDERAL, E SEU CONTEXTO REGIONAL

A história de São Sebastião-DF está profundamente ligada ao desenvolvimento de Brasília, a capital do Brasil, e à intensa ocupação dos espaços urbanos do atual Distrito Federal. A região, que hoje é uma das Regiões Administrativas do Distrito Federal, teve um papel crucial na construção da nova capital na década de 1950, refletindo na desapropriação de terras das fazendas Taboquinha, Papuda e Santa Bárbara (Dias, 2017).

As autoras Dias (2017) e Moesch e Santos (2024) afirmam que no início da cidade, seu desenvolvimento esteve diretamente ligado ao uso do solo, à divisão clandestina de lotes direcionados para as classes média-baixa e baixa, “remanescentes ainda da ocupação espontânea motivada pela oferta de comércio de areia, assim como pela exploração das olarias e cerâmicas, que supria parte da demanda existente na época da construção de Brasília.” (Moesch, Santos, 2024, p. 8). Nesse sentido, destaca-se o processo compulsório de urbanização que a região sofreu, e ainda sofre, com a especulação imobiliária, além da exploração dos recursos naturais, como o caso da produção de tijolos vindos das jazidas de barro.

Por outro lado, a população organiza coletivos e projetos para preservar sua história e cultura, resistindo ao ‘mal da história única’, como afirma Edvair Ribeiro, morador e pioneiro de São Sebastião, que completa sua afirmação na *live* no canal Memórias Oleiras na rede social YouTube:

A grande mídia vem a São Sebastião, ano após ano, para recontar a mesma história sobre a formação da cidade. Não que essa história não tenha o seu devido valor, mas há inúmeras outras histórias que precisam ser escutadas e é essa a missão maior do nosso projeto (<https://www.youtube.com/watch?v=hDPcApb8IH0>).

Como bem aponta o griô Edvair Ribeiro, “a história única” ou dita história oficial, coloca à margem outras histórias que estão subterrâneas dentro do processo “civilizatório” que culminou na construção de Brasília na metade do século XX. Dito isso, iremos evidenciar nas páginas seguintes como a história de São Sebastião é atravessada pela construção capital federal, com o

importante papel das olarias e da mão de obra dos oleiros da região onde hoje se encontra São Sebastião.

1.1. Formação histórica, cultural e social

A área que ocupa São Sebastião tem 26.270,52 hectares, segundo a última PDAD (2021). Sua localização está ao sul do DF, onde se encontra a bacia hidrográfica do Ribeirão Santo Antônio da Papuda, afluente do rio São Bartolomeu (Araújo, 2009). No último censo demográfico de 2021 pela PDAD/IPEDF, a população urbana foi quantificada em 98.992 habitantes, sendo em sua maioria 51,2% de mulheres. A idade média dos moradores está situada em torno de 29,6 anos. Outro dado demográfico relevante é que 51,2% da população nasceu em outros estados brasileiros. Em sua maioria, 24,2% vieram do estado de Minas Gerais, 17,8% do Maranhão, 16% da Bahia, dentre outros estados (PDAD, 2021).

O quadrilátero que delimita o Distrito Federal, incluindo a área da Região Administrativa de São Sebastião, é um território de antigas ocupações humanas, contradizendo um discurso hegemônico que reitera que a construção de Brasília foi realizada em um “vazio demográfico”. Esse mito foi utilizado por muitos governantes com intuito de legitimar a construção de Brasília no centro do país, um território escolhido para se tornar palco de transformações econômicas e sociais para o desenvolvimento do Brasil, sustentando a ideia do “desbravamento” para fazer uma “sociedade moderna” (Oliveira, 2022). No entanto, esse discurso desconsiderava todas as populações que já habitavam a região há séculos. Segundo o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), a ocupação humana no Planalto Central começou há milênios, especificamente “entre 11000 e 10000 anos A.P”, com grupos de caçadores e coletores,^{7 8} (Iphan, 2019, p. 56).

Os sítios arqueológicos identificados no Distrito Federal e em seu Entorno comprovam a ocupação desde 11000 mil anos atrás, com presença dos caçadores-coletores, de agricultores e ceramistas, até a ocupação luso-brasileira. Somente em 2019 se obteve no Sítio Arqueológico Cachoeirinha uma datação absoluta de 8414-80303 cal A.P. (Antes

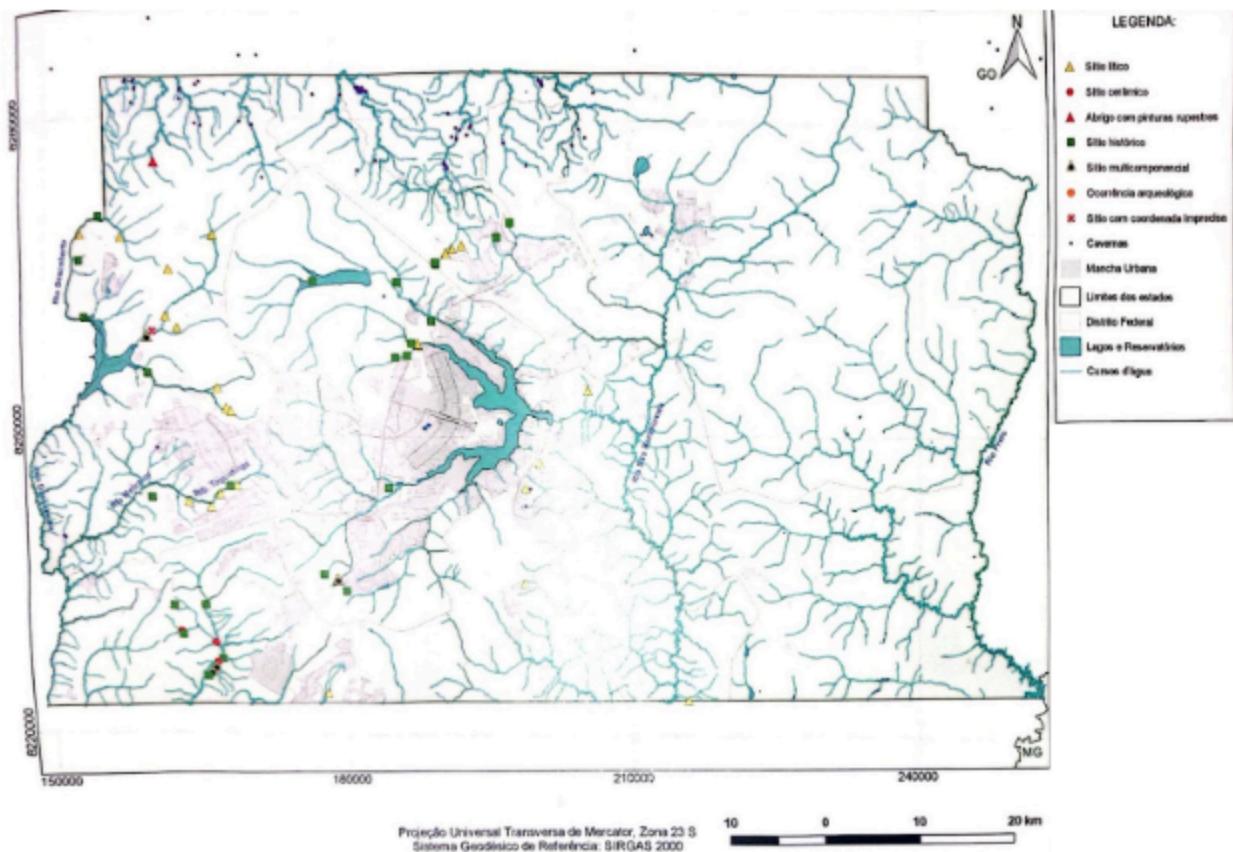
⁷ Segundo a publicação do Iphan (2019) - Arqueologia e os primeiros habitantes do Distrito Federal - o significado da abreviação AP (Antes do Presente) é uma medida de “apresentação de resultado de datação Absoluta. Por convenção, a data presente é o ano de 1950 do século XX, o qual deve ser tomado como base para a convenção para o sistema a.C./d.C” antes e depois de Cristo. (IPHAN, 2019, p.108).

⁸ A primeira datação obtida no Distrito Federal em 2019 vem fortalecer a tese de vários arqueólogos que escavaram no entorno e no Distrito Federal. (SIMONSEN, 1975; SOUZA, 1979; ANDREATTA, 1988; SCHMITZ, BARBOSA, 1984, 1985; MILLER, 1991, 1992, 1994; FOGAÇA, JULIANE, 1997; BARBOSA, 2005, 2007, 2008) (IPHAN, 2019, p.108).

do Presente) relacionada a grupos de caçadores e coletores da Tradição Itaparica [...] que estavam no Brasil Central Brasileiro, bem adaptados ao ambiente cerrado (*Idem*, p. 76)

Em concordância com o Mapa dos Sítios Arqueológicos no Distrito Federal, presente na publicação do Iphan de 2019 - Arqueologia e os primeiros habitantes do Distrito Federal - afirma que existem, até o ano da publicação, 64 sítios arqueológicos⁹ registrados no DF e, especificamente na região de São Sebastião, existem 4 sítios líticos e 1 Ocorrência Arqueológica¹⁰, conforme mostra o mapa abaixo:

Figura 1: Sítios Arqueológicos no Distrito Federal



Fonte: Fichas de Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos (IPHAN, 2019, p.79).

Mapa: Ricardo Avelino Costa - Estagiário de Geologia/UnB

⁹ Segundo o Iphan (2014) sítio arqueológico é toda a parcela de território onde existiam vestígios materiais da presença humana passada, testemunhos de passagem, uso ou ocupação de um local específico pelo homem.

¹⁰ Diz respeito a “uma ocorrência, e não de um sítio arqueológico. Foi encontrado um artefato lítico lascado, isolado, em superfície, em área de cerrado” (IPHAN, 2019, p. 106). A localização da ocorrência é imprecisa, mas pode ter uma noção entre os territórios da RA Gama ou RA São Sebastião (IPHAN, 2019), registrado pelo arqueólogo Rosicler Theodoro da Silva em 2004.

O 1º sítio abordado perto da região de São Sebastião é o *Ville de Montagne II* que está localizado no Setor Habitacional São Bartolomeu, se apresentando enquanto um sítio-acampamento pré-cerâmico (lítico), ao ar livre, sobre “caçadores-coletores, do tipo oficina lítica, com afloramentos rochosos com marcas de retirada (negativos) que remetem à exploração pré-histórica e recente” (Iphan, 2019, p. 84). O sítio foi registrado pelo arqueólogo Edilson Teixeira de Sousa em 2012. O 2º sítio referido é o *Sítio Vale das Águas*, localizado na RA São Sebastião-DF. Trata-se de um sítio-acampamento ao ar livre, apresentando oficina lítica com a existência de “afloramentos rochosos em quartzito, com indícios de exploração por lascamento e detritos como lascas e seixos nas suas imediações” (*Idem*, p. 85).

Figura 2: Escavação arqueológica no Sítio Ville de Montagne II - Setor Habitacional São Bartolomeu



Fonte: Edilson Teixeira/Acervo Iphan-DF (2019, p. 84)

Figura 3: Artefato lítico na escavação arqueológica no Sítio Ville de Montagne II



Fonte: Edilson Teixeira/Acervo Iphan-DF (2019, p. 84)

As imagens acima confirmam a existência humana próxima a Região Administrativa de São Sebastião. Em seguimento, *São Bartolomeu* é o 3º sítio lítico ao ar livre, abordado pelo Mapa dos Sítios Arqueológicos no Distrito Federal, inserido em um território de cobertura “detrito laterítico, vinculado a grupos de caçadores-coletores” (Iphan, 2019, p. 86). Está localizado a 50m do Rio São Bartolomeu e foi registrado pela arqueóloga Marina Neiva de Oliveira em 2017. *São Sebastião*, o 4º sítio, se caracteriza por ser um sítio pré-histórico cerâmico ao ar livre, que está “localizado próximo ao Rio Corumbá e ao Córrego São Sebastião, onde foram realizadas coleta de material em superfície e ações interventivas em subsuperfície numa área extensa” (*Idem*, p. 97). O sítio foi registrado pelo arqueólogo Rosicler Theodoro da Silva no ano de 2004. Vale

destacar que os sítios arqueológicos do Distrito Federal estão concentrados na parte oeste do seu território, pois “em decorrência do processo de urbanização e outros empreendimentos localizados nessas Regiões Administrativas” (*Ibidem*, p. 76), os vestígios são encontrados. A resolução nº 001/1986 do Conselho Nacional do Meio Ambiente (CONAMA) exige que toda construção de empreendimentos passe pelos “Estudos de Impacto Ambiental (EIA), onde uma série de profissionais, arqueólogos, geógrafos, geólogos etc, avaliam o território para possível autorização da construção. Ao serem encontrados sítios arqueológicos, há impedimentos para a continuidade dos empreendimentos imobiliários, visto que o artigo 216 da Constituição Federal exige a proteção e reconhecimento da herança cultural brasileira, bem como, a Lei nº 3.924 de 26 de julho de 1961, que considera crime qualquer espécie de destruição dos bens arqueológicos, os colocando sob a tutela da União.

Os vestígios arqueológicos vistos acima confirmam a presença humana antes da ocupação colonial. O historiador Paulo Bertran, em sua obra “História da Terra e do Homem no Planalto Central” (2000), ressalta que o território do Distrito Federal foi terras de muitas sociedades indígenas que habitavam e transitavam na região, coletores-caçadores. Acerca dessas sociedades indígenas de língua Jê, o autor afirma que:

[...] a região do Distrito Federal era território de caça e de pequena agricultura de grupos Macro-Jê. E de ponto de contato de suas sub-étnias: os Caiapós, senhores do vale do Corumbá, ao Sul; e os Acroá ou Acwa, ao Norte, a que julgamos pertencerem à extinta nação dos Crixá e Acroá, assim como os atuais Xavante, Xerente e Xaciabá. (Bertran, 2000, p. 26)

Até a vinda dos luso-brasileiros a partir do século XVIII, essas sociedades percorriam e habitavam a região do Distrito Federal e de seu entorno (Iphan, 2019). Haja vista que no período colonial, entre os séculos XVII e XVIII, as expedições - *bandeiras* - que eram organizadas especialmente por paulistas, tinham sua origem de São Paulo e São Vicente e iam em direção aos *sertões* para explorar o interior do Brasil.

Dito isto, cabe a reflexão de como esse conceito pode ser empregado na história da região Centro-Oeste. A historiadora Glória Kok (2004), na sua obra *Sertão Itinerante: Expedições da Capitania de São Paulo no século XVII*, aborda sobre o conteúdo emocional e mítico, que o conceito *sertão* se relaciona com as incursões feitas pelos aventureiros, bandeirantes, desbravadores, que eram fomentadas pela geografia mítica e fantástica, que contavam histórias sobre lendárias minas que estariam cheia de ouro ainda não explorado. Ou seja, a mitificação de

um "paraíso" inexplorado (Kok, 2004) ou "um espaço de alteridade, onde as culturas indígenas e a resistência à colonização se entrelaçam em conflitos e negociações constantes" (*Idem*, p. 47).

Segundo Bertran (2000), a expedição pioneira e “moderna” (p. 67) com intuito colonial para entrar na região do Planalto Central em 1722 é a do desbravador Bartolomeu Bueno da Silva, o Anhanguera¹¹ II, que chegou ao território do que hoje é o estado de Goiás. No começo do século XVIII, Bartolomeu Bueno da Silva Filho conheceu na bacia do rio Araguaia, oeste da capitania de Goiás, o ouro de aluvião e, baseado nos interesses de exploração mineral da Coroa, fundou o Arraial de Sant’Anna (Vila Boa de Goyaz), em 1726, dando início ao processo de ocupação colonial e a formação de pequenos povoados em áreas onde hoje é o estado de Goiás. Após o Arraial de Sant’Anna (Vila Boa de Goyaz), veio o descobrimento do arraial de Santa Luzia¹² em 1746 por Antônio Bueno de Azevedo, “o descobridor do ouro e o fundador do arraial de Santa Luzia e Santo Antônio da Boa Vista, atual Luziânia” (Bertran, 2000, p. 105), que ficava mais a leste do território da capitania, da qual apresentava qualidades necessárias para extração de ouro de aluvião. Destaca-se que o nome do rio São Bartolomeu, que perpassa o território de São Sebastião foi batizado em consonância ao nome deste desbravador do século XVIII.

Como destaca Bertran (2000) o motivo principal de ocupação territorial é a extração do ouro, salvo algumas exceções da extração de outras pedras preciosas. A atividade de mineração na capitania de Goiás gerou uma forte migração da sociedade colonial para o sertão goiano e um comércio brutal de escravos e mantimentos. Esse comércio da capitania de Goyaz com os grandes centros comerciais, que estavam localizados no litoral da colônia, favoreceu uma circulação/acúmulo de riquezas pela coroa, pois como geograficamente a capitania de Goiás estava afastada do litoral, ocorreram onerosas viagens.

Ao longo do século XVIII, diversos fatores contribuíram para o declínio da mineração na capitania, e logo, uma ruralização da economia, baseada em uma agricultura de subsistência (Bertran, 2000). No século XIX a pecuária se tornou a principal atividade econômica da província, devido a grande extensão territorial de baixa alteração no relevo, o que gerava poucas

¹¹ A tradução da palavra “Anhanguera” vem do tupi, “diabo-que-foi” ou “diabólico”.

¹² Destaca-se o papel do arraial de Santa Luzia como um dos primeiros povoados ao redor do Distrito Federal, bem como, um marcador histórico e como afirma Bertran (2000) o livro de registro de dízimos rurais, que hoje se encontra sob posse do Museu das Bandeiras na cidade de Goiás, para a audiência de Santa Luzia em 1810, é um valioso “repertório para conhecermos da ocupação do Distrito Federal e do que aqui se produziu naquele ano de notável recolhimento da região sobre si mesma” (BERTRAN, 2000, p. 188).

manutenções e baixo custo. Em 1819, o naturalista Auguste Prouvensal de Saint-Hilaire descreveu as atividades econômicas que se firmaram após o declínio da mineração, destacando a produção da marmelada produzida na região de Luziânia”(Saint-Hilaire, 1819 apud Bertran, 2000, p.213).

1.2. Tradição oleira e lutas pelo direito à moradia

A ocupação territorial de São Sebastião e sua formação populacional estão atreladas à luta pelo território. Todavia, o território de São Sebastião é marcado por concessões de terras, chamadas de sesmarias.

Quanto às sesmarias da margem direita do São Bartolomeu, só chegaram até nós os requerimentos de Serafim Camelo de Mendonça (1767) e de Gabriel da Cruz Miranda (1768). [...] as duas fazendas antigas da Papuda ou Santo Antônio – que em sua extremidade compreendiam a Escola Fazendária, as Mansões D. Bosco e as QL's 20 e 22 do Lago Sul – e a fazenda Santa Bárbara, extensíssima, que ia desde o rio São Bartolomeu até o aeroporto de Brasília, encostando no Núcleo Bandeirante (Bertran, 2000, p.162).

A área que hoje é o Distrito Federal, a cargo de documentos existentes desde a década de 1770 está sob posse do Museu da Memória de Luziânia, “os distritos arcaicos de São Bartolomeu, atual Distrito Federal, e de Itiquira-GO, atual Formosa-GO, passaram a pertencer e foram regidos pelo julgado de Santa Luzia” (Bertran, 2000, p.112). A Região Administrativa de São Sebastião, especificamente, cresceu onde originalmente estavam as Fazendas Taboquinha, Papuda e Cachoeirinha, que abrigavam, também, parte do Quilombo Mesquita, até o período de 1957, quando as terras foram desapropriadas para a União. O nome da fazenda, de acordo com Dias (2017) e Bertran (2000), faz menção a uma escrava que tinha bôcio, doença causada pela ausência de iodo que gera uma anomalia na região do pescoço como um grande papo. A fazenda vivia da criação de gado de leite e da agricultura que “se voltava para a plantação de arroz, milho e feijão para consumo próprio” (Dias, 2017, p.18).

Figura 4 - Registro fotográfico da sede da Fazenda Papuda. Data imprecisa.



Fonte: Museu da Memória de Luziânia (*apud* Dias, 2017, p.20).

De acordo com Dias (2017), um habitante da antiga fazenda Papuda por mais de 50 anos, Américo de Jesus¹³, revelou que a fazenda pertenceu ao Sr. Manoel José da Costa Meireles e foi transferida por herança ao irmão e genro, Josué da Costa Meireles. Meireles afirma que no bairro Vila Nova encontravam-se grandes “troncos de madeira” (Dias, 2017, p. 19) usados para açoitar trabalhadores escravizados na Fazenda Papuda.

A construção de Brasília reordenou toda a divisão territorial que havia onde chamamos hoje de Distrito Federal e provocou a luta sobre o território de diversas comunidades que já existiam na região, como o Quilombo Mesquita, localizado na cidade de Ocidental-GO, entorno do DF. Nesse sentido, é de extrema importância destacar a presença do Quilombo Mesquita, existente há 249 anos, na formação histórica, social e cultural do Distrito Federal, logo, na formação da São Sebastião, objeto de estudo deste capítulo. Ressalta-se que a história do Quilombo Mesquita foi completamente silenciada nas narrativas oficiais da história de Brasília. Ademais, com a própria construção de Brasília, somada à falta de documentos que

¹³ Dias (2017) alerta que Dona Leontina Caldeira Soares e Manoel Genserico Countinho, pioneiros de São Sebastião, o mencionam que ele foi o dono destas terras, quando na cidade ainda se localizava na sede da Fazenda Papuda.

comprovasse a regularidade das terras, o Quilombo perdeu boa parte de seu território para desapropriação e ocupação do Estado (Silva, 2019). Logo,

A construção da capital foi aos poucos expulsando as famílias que ali moravam mais próximas de onde foi construído o Catetinho, primeira residência oficial de Brasília. O território do Mesquita, que antes se expandia além das áreas originais da fazenda, foi se centralizando nas áreas a eles concedidas. (Silva, 2019, p. 34)

Os efeitos da construção de Brasília foram violentos e desconsideravam a trajetória dos quilombolas no território onde hoje se encontra a capital federal. Como exemplo do não reconhecimento, somente em 2006 o território foi visto como terra remanescente de quilombo pela Fundação Cultural Palmares, ou seja, mais de dois séculos depois da sua origem. Outra informação de grande valia é a do Relatório Técnico de Identificação e Demarcação do quilombo, divulgado em 2011 mediante o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra), que afirma que os habitantes do Quilombo Mesquita auxiliaram a construir a usina Saia Velha (Fellet, 2018), considerada a primeira usina elétrica de Brasília. Atualmente, o Quilombo Mesquita precisa encarar diversos desafios¹⁴ contemporâneos com relação à compreensão de sua identidade enquanto quilombo e o alargamento de especulações imobiliárias juntamente com perda territorial (Santos, 2019).

Seguindo uma ordem cronológica da história da região onde está São Sebastião, em 1892, o Presidente Floriano Peixoto estabeleceu a Comissão Exploradora do Planalto Central, para a demarcação do local que abrigaria a futura capital do País. O relatório sobre a expedição realizada, denominado Relatório Cruls, do nome de seu autor, constitui a mais completa reportagem sobre o Planalto Central e o primeiro Relatório de Impacto Ambiental (Rima) registrado na história brasileira. Liderado pelo astrônomo Luís Cruls (1848-1905), engenheiro e geógrafo belga, o relatório foi requisitado pela Carta Magna de 1891, especificamente, no artigo 3º “fica pertencendo à União, no planalto central da República, uma zona de 14.400 quilômetros quadrados, que será oportunamente demarcada para nela estabelecer-se a futura Capital Federal.” (Brasil, 1891). No relatório, a Fazenda Papuda é relatada:

[...] ha ainda accidentes devidos aos corregos e ribeirões, que nascem já um pouco mais afastados do espigão mestre, como sejam entre outros, os corregos da Taboca e Taboquinha, com o leito em apertados e fundos valles, os rios da Papuda, Sant'Anna,

¹⁴ Os moradores do Quilombo Mesquita possuem uma organização comunitária, chamada “Arenquim”, um “instrumento capaz de apresentar e proteger a identidade mesquitense, diante dos impasses que se estabelecem entre o quilombo, o governo, empresários e imobiliárias” texto de Daiane Souza, da Comunidade de Mesquita.

Mesquita, Lages, Saia Velha, antes de Santa Luzia, e os de Palmital, Santa Maria, Jacobina, etc., depois (Relatório Cruls, 2003, p.261).

Os acidentes perto dos córregos, citados no Relatório Cruls revelam o potencial geológico que “favoreceu a instalação das olarias, ao oferecer os insumos necessários para a fabricação de tijolos” (Dias, 2017, p. 17). Esse dado revela o desenvolvimento econômico da região que foi influenciado pelos fatores geológicos favoráveis para a instalação de olarias que moldaram, em partes, o uso do território de São Sebastião. Essa atividade não contribuiu exclusivamente para o fornecimento de tijolos para a construção de Brasília, mas também auxiliou no fortalecimento da economia local, gerando renda e oportunidades de trabalho. Maria Leontina de Jesus, mineira, pioneira da cidade, em entrevista ao Jornal *Correio Braziliense*, relata que chegou aos 19 anos na região, com seu marido, com objetivo de trabalhar em uma olaria, “o corte de tijolos começava de madrugada, por volta de 1h, e só terminava sob o sol das 10h. Ainda pela manhã, os caminhões das construtoras partiam, carregados com mais de mil blocos maciços ”, diz ela.

Dias (2017) aborda que o acordo de arrendamento de terras¹⁵ das áreas de exploração mineral da região de São Sebastião ocorreu entre comerciantes juntamente com a Fundação Zoobotânica por 30 anos. Após a finalização das obras do Plano Piloto, os contratos com posseiros não são renovados, resultando na desativação das olarias da região e incidindo na ocupação e parcelamento incorreto do solo “como forma de garantir a posse da área e assim a vila passou a se consolidar e imediatamente surge um núcleo urbano à margem dos córregos Mata Grande e Ribeirão Santo Antônio da Papuda” (Dias, 2017, p. 21). A desativação das olarias também se deve a “[...] diminuição da necessidade de materiais de construção, pois também houve abertura das estradas que favoreciam a chegada de materiais industrializados em larga escala” (Pdad, 2022, p. 13). Segundo dados da Codeplan (2015) a ocupação urbana se consolidou na década de 1980 na porção noroeste do território que hoje é São Sebastião.

¹⁵ Segundo uma reportagem da Revista Exame (2023) o arrendamento de terras, pode ser entendido como uma espécie de aluguel. O proprietário da área rural cede o espaço da propriedade para que ele seja utilizado para fins comerciais. Disponível em <<https://exame.com/agro/arrendamento-de-terrass-o-que-e-e-quais-sao-suas-vantagens/>> Acesso em 21 nov. 2024.

Figura 5 - Oleiros na olaria da Novacap na região da RA-São Sebastião (1956 a 1960).



Fotografia de Mario Fontenelle. Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal.

Figura 6 - Visão ampla da olaria da NOVACAP na região da RA-São Sebastião (1956 a 1960)

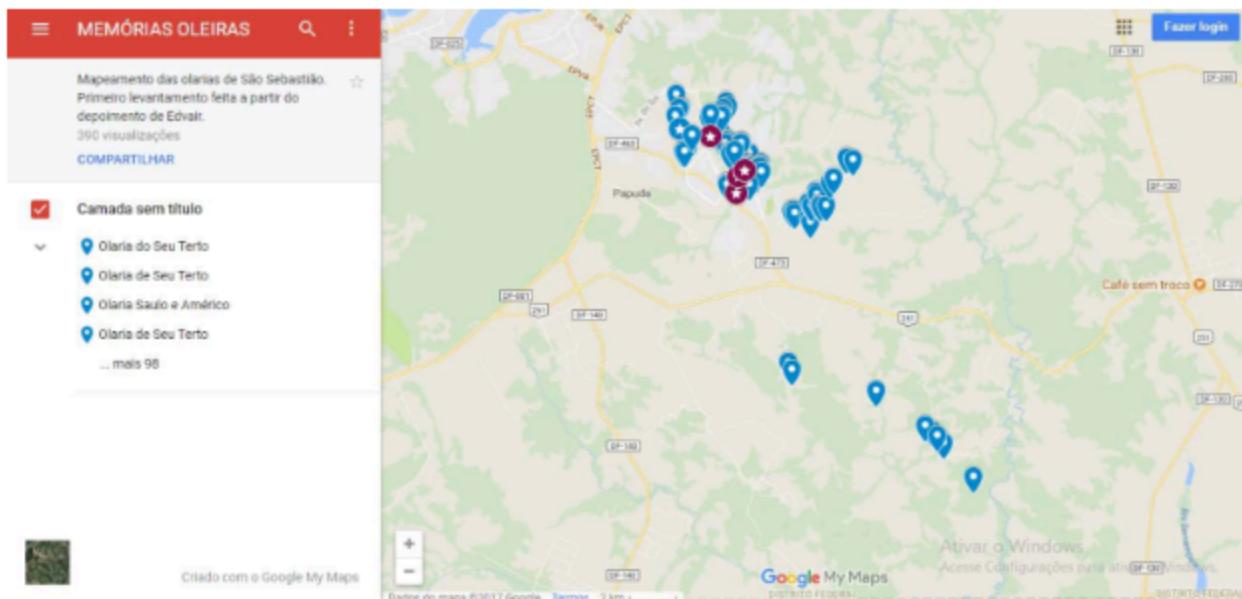


Fotografia: Mário Fontenelle. Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal.

As imagens relembram o labor dos trabalhadores/as nas olarias de São Sebastião propagou uma forte atividade na região, constatando, de acordo Dias (2017) "média 90% dos tijolos maciços usados na construção de Brasília. Fora que destacam a precariedade das condições de trabalho, como ausência de equipamentos de segurança, como capacetes, luvas, roupas adequadas etc.

A região passou a ser conhecida como Cidade Argila" (p. 26), o que representou boa parte das migrações nacionais de nordestinos e mineiros (Dias, 2017). Dentre as olarias famosas estava a “Cerâmica Nacional”, situada na Vila do Boa, bairro de São Sebastião, que hoje está desativada. A Figura 7, a seguir, apresenta um mapeamento das olarias de São Sebastião desenvolvido pelo projeto Memórias Oleiras, baseado no relato do morador e pioneiro da Edvair Ribeiro:

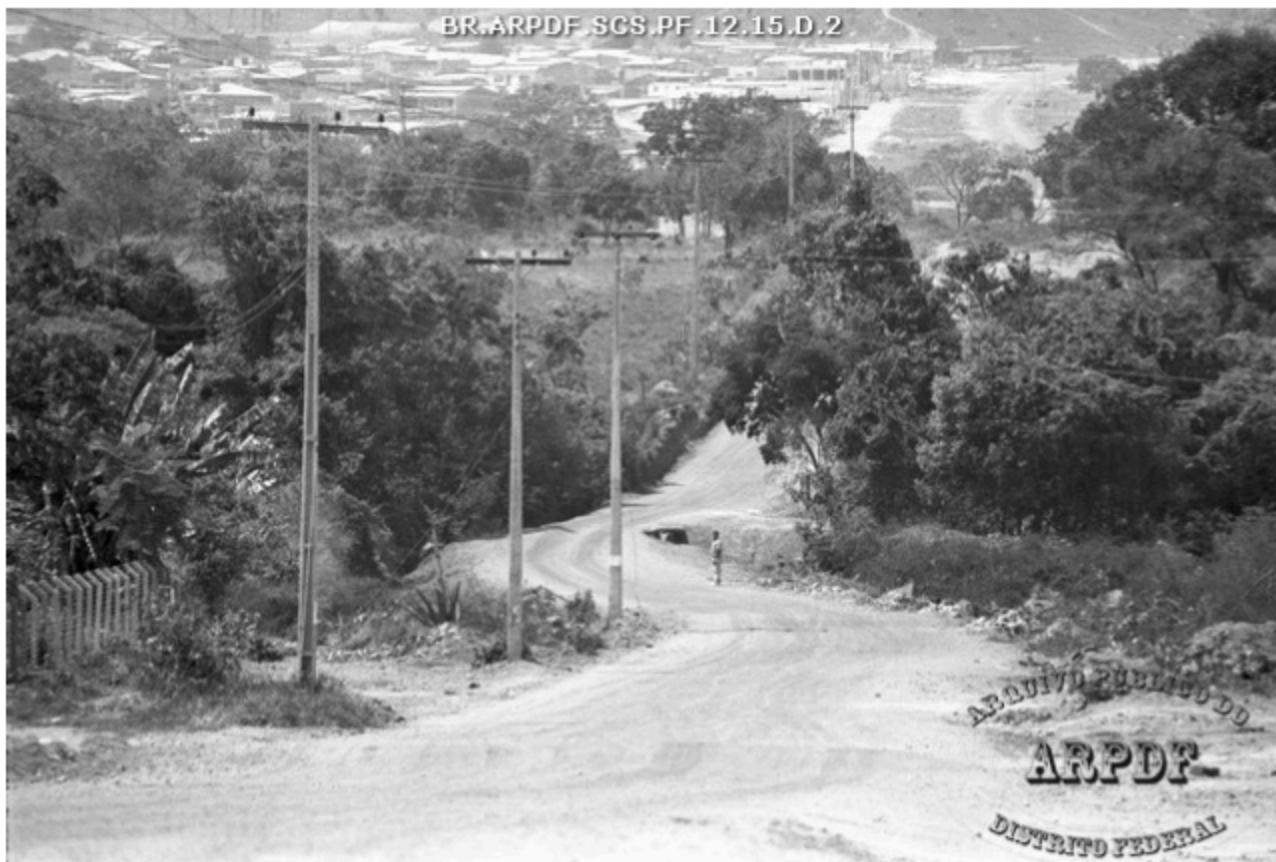
Figura 7 - Mapeamento de 100 olarias e cerâmicas de São Sebastião – DF



Fonte: Projeto Memórias Oleiras (2017 *apud* DIAS, 2017, p.17)

Nos anos de 1970, o primeiro presídio do DF, com o nome de Núcleo de Custódia de Brasília, foi mudado da VELHACAP, antigo nome da Candangolândia, para a região que hoje é São Sebastião. Porém, com o passar dos anos, a comunidade começou a ficar incomodada com o nome do Complexo Presidiário da Papuda, que deu origem ao nome do presídio, pois era associado à comunidade. Os moradores, inconformados com essa associação, criaram uma associação, chamada "Associação Comunitária dos moradores da Papuda" (Dias, 2017, p.26) para que escolhessem o novo nome da vila.

Figura 8 - Acesso ao Bairro São José - São Sebastião em 13/09/1995



Fotografia de Ronaldo Oliveira São Sebastião. Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal.

Em 24 de fevereiro de 1985, a associação dos moradores decide pelo nome “Agrovila São Sebastião”, fazendo uma homenagem a Sebastião de Azevedo Rodrigues, seu Tião Areia, um pioneiro da região e oleiro, que todos reconheciam como fundador da cidade.

Para escolher esse nome, tirou do dicionário 21 nomes. Para poder escolher, foi um dia todo de votação, eram 93 pessoas. (...) Até que ficou ‘Sombra da Serra’ por conta de que aqui é um vale e ‘Eucaliptal’, já que aqui era cercado de eucalipto. Na hora que foi para votar os dois nomes apareceu uma carta, (...) falando, sugerindo um nome de agrovila. E São Sebastião porque achava que ficava bom homenagear a pessoa que mais lutava doando lote pra pessoas,

ajudando a fazer muitas outras coisas, (...) o Tião Areia.(Entrevista concedida à Rádio da Empresa Brasileira de Comunicações - EBC em 2019).

A história de Sebastião, o *Tião Areia*, segundo Dias (2017), é na resistência de sua permanência na região quanto à decisão dos governantes que exigiam que os moradores de São Sebastião abandonassem o local, que se integrava ao Governo do Distrito Federal. Muitos acataram a decisão, porém Tião Areia não.

Tião Areia resistiu, fixando-se em uma das glebas anteriormente destinadas às olarias. Segundo o seu próprio relato, chegou na região no ano de 1959 e ficou conhecido com o “Tião Areia”, pois naquela época o nome “Sebastião” era muito popular na cidade e para diferenciá-los vários apelidos foram adotados: Tião do prego, Tião borracheiro, Tião da Lenha e Tião da Areia. Tião Areia começou então a parcelar a gleba de que tinha posse, repassando pequenas porções de terra para quem não possuía moradia e que desejava permanecer na cidade. Sua história impressiona muitos moradores da cidade até hoje, pois teve a possibilidade de ser um dos homens mais ricos da região, mas preferiu viver de uma forma modesta e hoje mora em um pequeno sítio na área rural de São Sebastião. A partir desse fato, a cidade ganhou força e reconhecimento no DF. Seus moradores uniram-se em busca da regularização da cidade. (Dias, 2017, p. 29)

Tião Areia, sem dúvidas, foi um mobilizador para lutas pelas terras onde hoje é São Sebastião, influenciando o comprometimento em lutas sociais. Segundo o mapeamento feito pelo coletivo “Sebas Turística”, até o ano da pesquisa em 2018, eram mais de 40 instituições culturais e sociais na região.

Após muita luta dos residentes que moravam nas terras de São Sebastião, em 1991 o Governo do Distrito Federal, através da Lei nº 204 autorizou a população a permanecer no local onde hoje é São Sebastião e promoveu diversos estudos para melhorias para infraestrutura da cidade (Dias, 2017), gerando a concessão de um Plano de Ocupação para a Vila de São Sebastião. Assim, “em março de 1993 [...] neste mesmo ano, em junho, a Agrovila passou a ser a XIV região administrativa do Distrito Federal, por meio da Lei nº 167 de 25/06/93” (2017, p. 31), que até no referido ano de 1993 a área fazia parte do RA-Paranoá.

Como aponta o relatório da Companhia de Planejamento do Distrito Federal (Codeplan)¹⁶ e Atlas do Distrito Federal de 2020 feito pelo Instituto de Pesquisa e Estatística do Distrito Federal (IPEDF) , a cidade de Brasília se destaca por ser uma cidade que possui baixa densidade populacional no centro e alta densidade nas periferias, marcada pelo crescimento da população

¹⁶ JATOBÁ, Sérgio Ulisses. *Texto para discussão – Densidades urbanas nas Regiões Administrativas do Distrito Federal*. nº 22. Brasília: Companhia de Planejamento do Distrito Federal, 2017.

acelerado que desde 1956 sofre com um processo migratório, trazendo a concentração populacional na região com formações urbanas contemporâneas, saindo de oito regiões administrativas, em 1964, para 35 atualmente. Dito isto, “[...] a segregação planejada de Brasília desde o início estabeleceu uma divisão clara entre as elites que habitariam o Plano Piloto e os trabalhadores, que seriam deslocados para áreas periféricas (Fialho; Silva, 2023)

Outro dado que merece destaque é a disparidade social e econômica entre a região central e as periferias do Distrito Federal. Conforme Almendra (2020), o Plano Piloto simboliza a imagem emblemática de Brasília, consolidada desde sua inauguração. Essa representação é reforçada pelos documentos relativos à patrimonialização da cidade pela UNESCO e pela legislação em nível distrital e federal, como o Decreto nº 10.829, de 14 de outubro de 1987, que regulamenta o artigo 38 da Lei nº 3.751, de 13 de abril de 1960. Essas normas tratam da preservação da concepção urbanística de Brasília, mas acabam por ignorar as contribuições de outras regiões administrativas e áreas próximas, como o Distrito de Mestre D'armas, hoje Planaltina, povoado de Santa Luzia, hoje Luziânia, Fazenda Papuda, hoje a cidade de São Sebastião, e a Fazenda Gama, hoje cidade Gama. Esses locais já contavam com habitações antes mesmo da construção de Brasília (Bertran, 2000).

1.3. São Sebastião na atualidade

Em conformidade com os dados a última Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios - PDAD, realizado pela Companhia de Planejamento do Distrito Federal - Codeplan, no ano de 2021, revela que as regiões administrativas como Estrutural, São Sebastião e Fercal, se concentram as maiores populações de pessoas pretas e pardas, mas que são atravessadas por diversos problemas sociais, como a recorrência de áreas sem infraestrutura, alto índice de violência urbana e baixa renda familiar per capita. Esses dados comparados com os dados da PDAD (2021) do Plano Piloto e com de RA's próximas, que em sua maioria é composta majoritariamente por pessoas brancas de classe média alta, são compostos por informações que deixam explícito as disparidades sócio-espaciais existentes, determinadas por fatores raciais, sobretudo, seguido de fatores sociais, econômicos e culturais.

No caso de São Sebastião, é a segunda RA do DF com um dos maiores contingentes de pessoas pardas e pretas, correspondendo a 74% da população, e ainda, a renda bruta média do

trabalho de R\$ 1.652,05, o que equivale a quinta menor do DF (dados de julho de 2021). Em relação aos problemas que afetam os domicílios, logo os moradores, se destaca a violência urbana, que segundo dados da Subsecretaria de Gestão da Informação (SGI) da Secretaria de Estado de Segurança Pública (SSP-DF), é uma das regiões mais violentas do DF. Em 2023, foram 607 casos de crimes contra o patrimônio. Outros problemas sociais que se destacam, de acordo com PDAD (2021) são: 23,4% moradores relatam a existência de esgoto a céu aberto, 28,4% informaram sobre os alagamentos em ocasiões de chuva “e 43,8% disseram que ruas próximas eram esburacadas” (p. 70). A infraestrutura pública é um fator de atenção no que diz respeito ao bem-estar da comunidade, pois 46,2% dos entrevistados relataram que havia ruas arborizadas, 56% mencionaram que havia praças, 21,2% se pronunciaram dizendo que há a presença de espaços culturais públicos na região (p. 71) (grifo nosso).

Os dados mostram uma série de problemas sociais que afetam a população, que em sua maioria é negra e parda. É de entendimento científico, pelo Anuário Brasileiro de Segurança Pública, feito pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, de 2024, que a população negra e parda no Brasil representa mais de 70% do quantitativo de pessoas encarceradas, e sofre atualmente por diversos problemas estruturais na sociedade.

Aliado a esses problemas, a falta de planejamento urbano reflete na desigualdade, que de acordo com Araújo (2009), no caso de São Sebastião, uma área com “ocupação previamente registrada” (p.7) impossibilitou a proposta de uma urbanização planejada, vinda de uma ocupação urbana que surgiu espontaneamente. Algumas das consequências são, conforme a autora relata, “a carência de áreas destinadas a equipamentos públicos urbanos e comunitários, pouca oferta de áreas de lazer, baixa quantidade de áreas livres verdes no perímetro urbano entre outros” (p.7).

Os dados nos ajudam a entender a demografia da população de São Sebastião e expressam a segregação sócio-espacial-racial-econômica da região e as suas vulnerabilidades. Gomes (2013) nos alerta que a exclusão social dos negros não terminou com o fim da escravidão, ela foi perpetuada no decorrer dos processos de urbanização de cidades como Brasília, onde as classes dominantes conservaram seus privilégios à custa do processo de marginalização de trabalhadores negros. Portanto, se faz necessário revisitar a história dos trabalhadores negros para reconhecer o seu protagonismo e identificar os desafios que a população sofre nesse processo de urbanização desenfreada da capital federal.

Como comenta a professora, a Dra. Maria Sueli Rodrigues de Souza¹⁷ no posfácio do livro “Colonização quilombos modos e significados” (2015), de Antônio Bispo dos Santos, falando sobre as comunidades quilombolas do estado do Piauí: Riacho dos Negros, Periperi, Manga e Arthur Passos que estão debaixo das águas do Rio Parnaíba pela construção de barragens vinda de mega projetos privados

A beleza cênica daquelas matas, morros, pássaros, água e chão tantas vezes aludida para retirar o povo e fazer parque ambientais, sobreviverá como memória resistida e o sentimento telúrico restará como uma imagem de um passado que tentam fazer com que não deixem marcas na memória nem mesmo em forma de museu. Estes lugares que se configuram no presente como lugares de lutas que se mesclam com o lúdico [...] que uma parcela da população aplaude os ataques etnocidas, outra cruza os braços e uma pequena parcela luta para não ver configurada a violência do passado no presente (Souza, 2015, p. 114)

Assim como as lutas dos quilombos contra os ataques etnocidas, a memória das olarias e das/os oleiras/os de São Sebastião, que é parte fundamental da identidade cultural da região, se mantém viva através da resistência pela preservação dessa herança cultural, expressa nos movimentos sociais da comunidade. A história de São Sebastião é um exemplo da transformação de uma pequena agrovila em uma região administrativa próspera, mantendo viva a herança dos pioneiros que moldaram o futuro da cidade com suas próprias mãos. Ao reconstruir a memória de um território que se constituiu no processo de segregação sócio-espacial, como foi o caso de São Sebastião, imposto pela construção da nova capital, a opressão e o apagamento de inúmeras histórias fizeram parte da dinâmica da construção de Brasília, porém as lutas e a resistência se tornaram elementos fundamentais para garantia de direitos.

¹⁷ Professora Adjunta do Departamento de Ciência Jurídicas da Universidade Federal do Piauí.

CAPÍTULO 2

RESSONÂNCIAS ENTRE PRESERVAÇÃO, CONTRANARRATIVAS E PERFORMANCES MUSEAIS

A memória é um conceito amplamente estudado por diversos campos científicos. Na História, na Neurociência, na Sociologia e até mesmo, na Museologia, a memória tem um importante papel para entendermos as identidades, as culturas e as transformações sociais no decorrer do tempo. Segundo a autora Ecléa Bosi, o campo da memória possibilita uma “relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo ‘atual’ das representações” (Bosi, 1994, p. 46). Para autores como Antônio Bispo dos Santos, conhecido como Nêgo Bispo, griô, líder quilombola e filósofo, faz a relação do conceito de memória com ancestralidade, enfatizando a oralidade como fundamento de reverberação de memórias de populações historicamente vítimas de marginalização. Nascimento e Rufino (2023) ao investigar a fundo a potência da frase de “o fundamento e a roca” de Nêgo Bispo, revela que a “oralidade como um repositório vivo da memória ancestral que não cessa de produzir sentidos e ideias” (p. 327). A oralidade, segundo os autores, ao olhar do griô, é o processo de conexão entre os viventes que herdaram a fala e a escuta “e o compromisso com o que se escuta e o que se diz” (p. 327), não somente ligado ao que se fala, mas também o que se “risca, negocia, confia no mistério e vibra no corpo.” (p.328).

A valorização do protagonismo e o fortalecimento de subjetividades subalternizadas, vindas do projeto Memórias Oleiras e da rota turística “Sebas Turística”, a partir da análise de Performances Museais Afetivas Rizomáticas Brutas (PMARB) (Bulhões, 2017) em São Sebastião, pode acentuar o pertencimento da comunidade com o seu território. Bulhões (2017) enfatiza as PMARB, multidirecionadas, multilógicas e multidialógicas; “essas linhas de fuga servem à sociedade, evitando preconceitos, como pede o Pacto Museal. Suas museálias plurais, livre e afetuosamente formadas e mantidas, atestam que nelas não há divergências de classes” (Bulhões, 2017, p. 177)

Nesse sentido, considera-se que o objeto de estudo da Museologia e suas reflexões contemporâneas, com base no pensamento da museóloga Waldisa Rússio sobre o fato museal ou fato museológico aborda a:

[...] relação profunda entre o homem - sujeito conhecedor - e o objeto, parte da realidade sobre a qual o homem igualmente atua e pode agir. Essa relação comporta vários níveis de consciência, e o homem pode apreender o objeto por intermédio de seus sentidos: visão, audição, tato, etc. Essa relação supõe, em primeiro lugar e etimologicamente falando, que o homem "admira o objeto" (Guarnieri, 2010, *apud* Gomes, 2001, p.24).

A fresta para a reflexão desta relação, por mais direcionada na figura do sujeito “homem”, abriu possibilidades de incluir sujeitas/os como produtoras/es e agentes de suas memórias, atribuindo ao uso social da memória (Lima; Paim, 2022). O uso social da memória precisa se dar em um lugar de acessibilidades, que promova contatos com o objeto musealizado e, obviamente, cada museu ou processo museal tem criado soluções para proporcionar aos seus públicos, diferentes formas de interação, fruição e sinestesia durante a situação de visita e assumindo a sua responsabilidade enquanto lugar educacional. Assim, o museu participa - efetivamente e de forma cidadã - na construção de uma sociedade mais justa, mais equânime, tratando desigualmente os desiguais, a partir do respeito às diferenças (p. 46).

Nesse cenário, a dissertação de mestrado da museóloga Girelene Chagas Bulhões "Museus para o esquecimento: seletividade e memórias silenciadas nas performances museais"¹⁸ contribui no aporte teórico deste trabalho, discutindo a ideia de que, embora os museus sejam vistos como locais que preservam e transmitem memórias para que não se percam, alguns museus fazem o contrário, silenciam deliberadamente as memórias de certos sujeitos e grupos sociais, deixando espaços para o esquecimento de performances culturais. A pesquisa de Bulhões (2017) utiliza principalmente Performances Culturais, Museologias Sociais e Afetivas, Cartografia Social, Estudos Queer e autores pós-estruturalistas para investigar essa discussão museológica. A dissertação examina esse fenômeno a partir de passagens das mitologias grega e iorubá, bem como conceitos sobre o pacto museológico, o drama social, a máscara, a fachada, o cenário, a seletividade museológica, os museus/performances arqueológicas e rizomáticas, o afeto e a arte bruta (Bulhões, 2017). Assim, entendo que a pesquisa da museóloga auxilia na compreensão das memórias afetivas da comunidade de São Sebastião, no contexto do projeto Memórias Oleiras e na Rota Turística: Sebas Turística.

¹⁸ O conceito Performances Museais Afetivas Brutas Rizomáticas tem influência do museólogo Bruno Brulon que atribui o conceito de Performances Museais em suas produções científicas.

Iniciativas como essas, comprometidas com a preservação e comunicação de memórias que geralmente não encontram espaço nos museus “seletistas arborescente-patrimonialistas”, podem ser encontradas com cada vez mais frequência, não apenas em espaços físicos, mas também em ambientes virtuais.

Em suas análises, a quebra de paradigmas e preconceitos, é fundamental para a consciência de Performances Museais Afetivas Rizomáticas Brutas que são vítimas de silenciamentos, fadadas, pelo poder hegemônico, para o esquecimento. Em diálogo, o conceito de “Memórias Exiladas” de Maria Cristina Oliveira Bruno, museóloga e professora titular em Museologia no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo - MAE/USP, aborda a ideia de as memórias que foram vítimas de marginalizadas ou deixadas de lado podem ser vistas como aquelas que não são comumente destacadas ou preservadas nos processos museológicos tradicionais.

Bruno (2021) destaca a importância de reconhecer e valorizar essas memórias, pois elas constituem parte integral da história e da cultura, e podem oferecer perspectivas para sua salvaguarda. A autora discute a dinâmica singular da Museologia, identificando variáveis como as discussões sistemáticas em torno da prática dos museus, as preocupações com a formação profissional e a produção acadêmica, bem como, as contribuições dos variados olhares que questionam o campo da Museologia. Entre essas variáveis, ela observa caminhos referentes às memórias subterrâneas, aos silêncios da memória, às memórias abandonadas e ao exílio da memória. Segundo esta análise, Michael Pollak, (1989) reforça:

[...] existem nas lembranças de uns e de outros zonas de sombra, silêncios, "não-ditos". As fronteiras desses silêncios e "não-ditos" com o esquecimento definitivo e o reprimido inconsciente não são evidentemente estanques e estão em perpétuo deslocamento (Pollak, 1989, p. 34).

É sabido que a história de São Sebastião, como vimos anteriormente no capítulo 1, é marcada por lutas de território, silenciamentos e segregações históricas, culturais e sociais. Como afirma Simas (2022) o fazer cotidiano das comunidades vítimas do processo de periferização, das ruas, dão formas de entender o sentido da vida, “e instaurar a humanidade no meio da furiosa desumanização que nos assalta” (p.63).

Trazemos a reflexão de Milton Santos (2012) sobre *Rugosidades* para auxiliar na compreensão dos espaços de memória de São Sebastião. O conceito explora como marcas do tempo no espaço podem ser entendidas como um sistema heterogêneo de diversas contribuições, excluindo uma ideia de espaço homogêneo, presente na superposição da história do Distrito Federal, frente à história dos oleiras/os de São Sebastião, por exemplo. Nisso, “as ações humanas não se restringem aos indivíduos, incluindo, também, as empresas, as instituições” (SANTOS, 2012, p. 82). Para o autor, o espaço é “um conjunto indissociável, solidário e também contraditório de sistemas de ações” (p. 63). Assim, o espaço é alterado pela dinâmica da sociedade segundo seus interesses.

A seguir será explicitado um estudo de caso do projeto Memórias Oleiras, a rota turística do projeto Sebas Turísticas advinda do projeto “Turismo Fora do Avião” e a exposição “Raízes de São Sebastião” na Galeria de Arte RAXIV. Essas ações serão descritas em relação à sua idealização, seus idealizadores/as, equipe, ações, objetivos etc. Os projetos visam a valorização das heranças culturais da cidade, bem como o fortalecimento de pertencimento dos moradores com a região, ressoando entre preservação, produção de vida e Performances Museais Afetivas Rizomáticas Brutas (PMARB).

Para isto, partimos da metodologia do estudo de caso, conforme recomenda Yin (2015). Para este autor, “o estudo de caso de um programa específico pode revelar: variações na definição do programa, dependendo da perspectiva das diferentes pessoas envolvidas; e componentes do programa que existiam antes da designação formal do mesmo” (p. 44) e, abstendo-se da subjetividade do pesquisador, tentar criar conexões com outros trabalhos científicos, incorporando diferentes pesquisadores de diversos campos de análise e suas contribuições científicas. Busca-se, portanto, uma reflexão sobre questões teóricas a partir de evidências relevantes para compreender o objeto de estudo aqui apresentado, as PMARB nas memórias de pioneiras/os de São Sebastião.

2.1. MEMÓRIAS OLEIRAS - TIJOLO POR TIJOLO

O projeto Memórias Oleiras é uma iniciativa cultural dos moradores de São Sebastião/DF, que nasceu em junho de 2016. O projeto busca o resgate¹⁹ da história cultural de São Sebastião, como piloto para o trabalho em rede de memórias das demais cidades do DF, por meio de um processo de identificação, digitalização e comunicação de fotografias e documentos do Arquivo Público do Distrito Federal e das contribuições dos moradores da localidade com vistas ao reconhecimento, valorização e resgate da identidade cultural e da memória cultural local. Para isso, propõe-se a criação de um website que reúna o resultado de pesquisas na internet, entrevistas com pessoas da comunidade, acervos da cidade, testemunhos filmados, entrevistas, histórias de vida, depoimentos, diários, documentos escritos do passado, fotografias, álbuns de família, galeria de retratos e tudo mais que poderá compor o universo de patrimônio material e imaterial e que contribua para resgatar a história cultural da cidade, que produziu em suas olarias a maior parte dos tijolos com que foi construída a cidade de Brasília. Uma seleção de documentos deste acervo dará origem à publicação de um catálogo de no mínimo 50 páginas em arquivo digital pronta para impressão.

Em conversa com Paulo Dagomé, um dos idealizadores do projeto, os objetivos do projeto Memórias Oleiras estão elencados em: Resgatar relevantes aspectos da História de São Sebastião – DF a partir da restauração e preservação de objetos, fotos e documentos guardados e/ou provenientes de doações de pessoas da comunidade; divulgar em ambiente virtual por meio de fotos e filmagens de documentos que estão dispersos pela cidade e correm o risco de danos e perdas por deterioração natural, falta de espaço e ambientes inadequados à sua conservação; identificação dos pioneiros ilustres e conhecidos, que fizeram a história da cidade, pois são várias pessoas de diversos setores e que desempenham importantes papéis e funções em nossa sociedade e cuja historicidade se encontra dispersa e à beira do desaparecimento; contribuir para a

¹⁹ Vale destacar que o termo “resgate” é comumente usado pelos idealizadores dos projetos para remeter ao trabalho de pesquisa e investigação histórica, mas queremos ressaltar que dentro do pensamento acadêmico contemporâneo é um tema que gera muitas discussões e interpretações. Assumpção e Castral (2022) se debruçam sobre a obra de Le Goff (1988:2003) para falar sobre a condição anacrônica que a objetivação da história, bem como da memória, é um esforço impossível, visto que a história “nunca conseguirá a objetivação total” (Le Goff, 2003, p.29 *apud* Assumpção e Castral, 2022, p. 9). As/Os autoras/es também complementam ressaltando que a memória não é um retorno ao passado, assim como ele era, mas “Estando no presente, a lembrança refaz o passado, reconstitui-o com base nas experiências, percepções e vivências do presente. As pessoas mudam com o passar do tempo — não somos mais o que éramos anteriormente [...] outros juízos de valores, que não serão os mesmos no futuro” (p. 11). Para além disso, a aplicação de conceitos contemporâneos a contextos históricos diferentes é amplamente criticada, podendo levar a uma compreensão distorcida dos processos de dominação e das estruturas sociais da época analisada (Zabunyan; Jeanpierre; Rancière, 2012). Portanto, conservamos o uso do termo para seu sócio-referenciamento, mas destacamos e elencamos referenciais teóricos para o auxílio na compreensão da linguagem utilizada.

identificação da memória histórica da cidade através de pesquisa, seleção, digitalização, catalogação, divulgação e disponibilização online de documentos histórico-culturais; desenvolver atividades de pesquisa, avaliação, seleção, preservação, digitalização, catalogação, organização de acervos históricos e culturais com vistas à preservação dos mesmos em meio digital; identificar as histórias silenciadas de oleiros e pioneiros não contemplados pelas mídias tradicionais que reforçam a ideia de uma história única sobre o surgimento da cidade.

Atualmente, o projeto conta com 4 integrantes, Paulo Dagomé, Edvair Ribeiro, Isaac Mendes e Zeca Sena. O tipo de financiamento foi inicialmente realizado pelo FAC/DF, porém, hoje, não possui nenhum recurso privado ou estatal. Manter um projeto dessa magnitude requer aporte financeiro, uma vez que o audiovisual, que é o recurso mais usado no projeto, é um segmento oneroso. Como cada um dos participantes tem que se manter a partir de outras atividades, o projeto fica sujeito a ser realizado no tempo livre e voluntariado.

O ex-oleiro e um dos criadores do projeto, Edvair Ribeiro em entrevista a UnBTV, no ano de 2023²⁰, relata que o projeto nasceu de uma conversa com os amigos na época, que faziam parte do coletivo cultural “Radicais Livres” hoje, coletivo “Supernova”, onde ele apresentou as histórias que tinha em sua memória a partir da sua infância e seu trabalho nas olarias. As lembranças se tornaram uma preocupação, visto que, segundo sua análise, a história das olarias estava se perdendo do seu contexto regional. Nas palavras de Edvair:

“Nós criamos o ‘Memórias Oleiras’ né?! de maneira conjunta. E por quê? Quando aconteciam as festas da cidade, o aniversário da cidade, e qualquer evento grande na cidade, a história só tinha uma narrativa única que é a narrativa de uma determinada pessoa que era impulsionada pelo interesse do político da época. Então começava-se a contar histórias que não tinha muito a ver com a realidade do local e a gente estava perdendo a nossa história original.” (Projeto [...])

Sobre o financiamento do projeto, ele foi fomentado pelo Fundo de Apoio à Cultura (FAC) da Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa do Distrito Federal (SECEC/DF) com apoio de parceiros, como o movimento cultural Supernova, Espaço Sideral - Publicidade e Propaganda, Jornal S2 News, Mundo Voraz Filmes, Nilmar Paulo - produtor audiovisual, Cine 81, Ateliê itinerante Título Provisório; e apoio da Administração de São Sebastião, Rádio Cidade e Jornal Daqui.

²⁰ Link da reportagem na UnBTV de 2023, disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=CQ8AseTZSz4>>. Acesso em: 04 fev. 2025.

A identidade visual é criada pelo morador e artista local Ricardo Caldeira, que utiliza sua representação poética/gráfica como elemento para ilustrar as figuras que compõem o projeto. As cores utilizadas são o branco e o vermelho, destacando os tons terrosos que estão presentes nas olarias e no barro, matéria-prima para elaboração dos tijolos e vasos.

Figura 9 - Identidade visual do projeto Memórias Oleiras



Fonte: Página do projeto Memórias Oleiras no YouTube.

A iniciativa cultural possui um website e redes sociais, como uma página no Instagram, uma página no YouTube e uma página no Facebook²¹. Por meio do Website que está desativado atualmente, podia se ter a localização de todas as olarias da região, a partir do mapeamento desenvolvido pelos membros do projeto Memórias Oleiras. Na página do YouTube estão os depoimentos publicados em formato de gravação audiovisual. Tanto na página do YouTube como do Instagram, estão 33 depoimentos de história oral de ex-oleiras/oleiros, professores, moradores, reportagens antigas sobre São Sebastião, que somam 72 vídeos; fotografias, notícias atuais sobre a situação da cultura oleira da região, como o caso da destruição da olaria Cerâmica Nacional para a construção do bairro Alto Mangueiral. Os depoentes, ora abordam a dificuldade que era habitar na região na época que só existiam as olarias, ora falam sobre o árduo labor que era trabalhar nas olarias, sem água encanada, sem transporte público, sem saneamento básico.

²¹ Endereço eletrônico do site: www.memoriasoleiras.com.br; e os nome dos perfis nas redes sociais mencionadas: Instagram (www.instagram.com/memoriasoleiras); Facebook (www.facebook.com/Memoriasoleiras); e o YouTube (www.youtube.com/@memoriasoleiras4275)

O projeto possui ações com escolas públicas parceiras com intuito de criar um sentimento de pertencimento dos alunos com a cidade, apresentando as fotografias das olarias, os depoimentos dos pioneiros, e todo material produzido. Além disso, a iniciativa se faz presente em diversos eventos culturais da cidade como a Feira Literária de São Sebastião. O Projeto Memórias Oleiras, através de Edvair Ribeiro, Paulo Dagomé, Gustavo Chauvet e Gustavo Serrate participou da III Feira Literária de São Sebastião, que foi realizada pela Coordenação Regional de Ensino de São Sebastião (CRESS) e aconteceu no Colégio Chicão no dia 09 de novembro de 2016. Representando o projeto, Edvair Ribeiro compôs a mesa dos pioneiros da cidade - juntamente com Josino Alves e Mário da Nutrina - e falou dos primórdios da cidade, sendo morador de São Sebastião há mais de 40 anos. O poeta Paulo Dagomé participa ativamente de movimentos culturais e rodas de conversas com escritores da cidade e do DF.

As imagens a seguir apresentam as participações de membros do projeto Memórias Olheiras em eventos e movimentos culturais realizados em São Sebastião e estão disponíveis nas redes sociais do projeto, já citadas anteriormente.

Figura 10: Paulo Dagomé (à esquerda) e Edvair Ribeiro (à direita) apresentando o projeto Memórias Oleiras para os alunos do CEF Miguel Arcanjo.



Fonte: Página do projeto Memórias Oleiras no Facebook (2018).

Figura 11: Apresentação do projeto na 3^a Feira Literária de São Sebastião em 2016



Fonte: Página do Facebook Memórias Oleiras (2016).

2.2 SEBAS TURÍSTICA - SOU TIJOLO, SOU CONSTRUÇÃO, SOU SÃO SEBASTIÃO!

O Sebas Turística é um iniciativa de turismo, advindo do projeto Turismo fora do Avião, ambos de base comunitária, que tem por objetivo oferecer o turismo cidadão em São Sebastião/DF, não somente para desenvolver experiências turísticas na região, mas sim proporcionar uma experiência que desperte a valorização e conscientização afetiva das heranças culturais da região, através da Educação Patrimonial. O projeto fomenta, com base na economia criativa, a participação de moradores da comunidade, fortalecendo o seu protagonismo na cultura local e a geração de renda, com foco na emancipação financeira de mulheres e na autoestima da população local.

Por intermédio do turismo, é estimulado que artesãos, contadores de histórias e outros agentes culturais levem e desenvolvam o compartilhamento de seus saberes, movimentando a

valorização das herança cultural, ambiental, cultural, social e turístico de São Sebastião. Além disso, o projeto é o primeiro no Distrito Federal a fazer rotas voltadas para o Afro Turismo para a região, que objetiva a valorização e divulgação de patrimônios culturais e ambientais sob uma análise negra, tendo como ponto de partida a reivindicação de um povo que foi construtor da Capital Federal, preservando suas raízes da cultura negra pós diáspora. O Afro Turismo no Sebas Turística vem levar o público visitante para conhecer as batalhas de rimas de São Sebastião, o artista plástico negro Chico Metamorfose e seu instituto Metamorfose, o Centro de Formação e Cultura Nação Zumbi, Quilombo Mesquita, as olarias etc.

Diversos impactos positivos na população de São Sebastião estão sendo realizados, como bem revela o dossiê para o Prêmio José Aparecido, em que 60% da comunidade foi afetada pelas ações do projeto através da arte e cultura digital; 30% de escolas e movimentos sociais locais e 10% no reconhecimento do projeto em mídias sociais. Nos impactos do público externo, se destaca, 31,2% de visualização do mapeamento digital dos atrativos turísticos da região; 28,6% de visitantes vindos de fora do Distrito Federal; 27,2% de visitantes do DF e 13% com geração de emprego e renda. (Sebas Turística, 2024, p. 09-10).

O surgimento do projeto veio com a problematização que a idealizadora, ativista, turismóloga pelo Centro de Excelência Turismo pela Universidade de Brasília (CET/UnB), mestra em preservação de patrimônio cultural (Iphan/RJ) e moradora de São Sebastião por 8 anos, Aline Karine de Araújo, juntamente com a professora da Secretaria de Estado de Educação, Karlinha Ramalho, fizeram em 2016 sobre o potencial histórico, cultural e ambiental da região.

A motivação para o projeto veio a partir de um olhar de descentralização do turismo, cultura e do lazer para além dos limites do Plano Piloto, reconhecimento da memória, cultura e identidade das Regiões Administrativas do Distrito Federal e preservação da herança cultural local. Sua problematização veio com sua pesquisa do Trabalho de Conclusão intitulado “Trilha turística: memória de um casal pioneiro de uma olaria artesanal de São Sebastião na construção de Brasília”, que investiga a memória de Dona Leontina Soares e Seu Antônio Ferreira, pioneiros de São Sebastião. Como a autora comenta:

O Sebas Turística nasceu através das minhas inquietudes enquanto estudante negra e periférica na Universidade de Brasília. A disseminação dos símbolos repetidos da construção de Brasília, ou seja, a propagação da história única que valoriza “heróis da revolução” invisibiliza os pioneiros. São Sebastião está inserida neste contexto. Como moradora da cidade há 08 anos sofria na pele esse

processo. Através de aproximadamente 100 olarias instaladas aqui nas décadas de 50 e 60, responsáveis pela produção de 90% dos tijolos da construção da capital, entendi a importância histórica de São Sebastião e pensei em uma iniciativa de empoderamento da cidade através do Turismo, ou seja, reconhecendo o turismo como uma ferramenta agregadora de cidadania (Dias, 2017, p.29-30).

A autora do projeto, juntamente com sua equipe, oferece atividades que incluem organização de passeios guiados, incluindo alimentação, transporte e guias especializados. Elas se estruturam em rotas sobre o patrimônio da cidade, mostrando desde lugares de memórias a cachoeiras, manifestações e institutos culturais, galerias de arte a céu aberto. As rotas compiladas no 1º Guia Turístico de São Sebastião (ANEXO I) foram elaboradas pela equipe do Sebas Turísticas, com direção da turismóloga Quezia Vieira, coordenação da museóloga Thanity Andrade e diretora executiva Aline Karina de Araújo Dias. As rotas estão divididas e classificadas em: Histórica, Cultural, Ambiental, Artística, Social, Lazer e Hospedagem, a fim de proporcionar experiências direcionadas para o objetivo de cada grupo.

Na rota histórica se pode observar os lugares de memórias e marcos históricos da região, bem como, as narrativas dos moradores que estão na direção desses espaços, como é o caso da Dona Leontina na mediação de sua olaria artesanal, que ainda está em funcionamento, situada no bairro Vila Green, chamada Olaria Vereda. A Olaria Marcos, localizada no núcleo rural Capão Comprido, também é elemento da rota. São exploradas também as olarias que já estão desativadas, como é o caso da Cerâmica Arte, que se destaca por ser uma das primeiras olarias da região, com o funcionamento do começo da década de 1960 até o início dos anos 1980. Outro atrativo é a praça Tião Areia, localizada no bairro Centro, uma homenagem ao ex-oleiro e pioneiro da cidade, Sebastião de Azevedo Rodrigues, da qual recebe por ser uma personalidade importante de luta para a conquista do território de São Sebastião.

Na rota cultural são apresentadas as tradições e traços das formações culturais da região, como é o caso da Praça do Reggae, situada no bairro Vila Nova, que é considerada pelos moradores um marco na contribuição de pessoas que vinham do estado do Maranhão na formação da cidade. Outro destaque são os institutos culturais, como o Centro de Formação Nação Zumbi que promove, especialmente para a comunidade negra da região, o amparo educacional na alfabetização, direcionamento para equipamento de saúde pública, projetos relacionados às áreas do esporte, cultura, lazer, arte e ao enfrentamento de problemas sociais que

afetam a população. A Batalha de Rima do Skate Park, que é realizada toda terça-feira às 19h no setor tradicional, explora a cultura do hip-hop e o rap como elementos musicais para produção artística regional. Na rota é possível dialogar com agentes culturais que desenvolvem tais ações e entender seu pertencimento com a comunidade.

No que diz respeito às rotas ambiental, artística, social, lazer e hospedagem, o projeto se debruça em expor para os visitantes o potencial ambiental com as cachoeiras que rodeiam São Sebastião, áreas de lazer e hoteis, além de destacar a potência de artistas da região. Um desses artistas é o Chico Metamorfose, idealizador do instituto social Metamorfose, onde oferece aulas de pinturas para a comunidade. Chico retrata em suas obras patrimônios culturais da cidade, como a pintura em tinta óleo sobre tela “A cruz do Morro”²² de 2020, que aborda o tema de grilagem de terra e lotes clandestinos na região do bairro do Morro da Cruz. O artista Ricardo Caldeira, também é apresentado na rota com seu ateliê Desenhandanças, que incentiva os visitantes a explorarem suas possibilidades artísticas através do corpo.

Figura 12: Pintura “A cruz do Morro” (2020) do artista Chico Metamorfose.

²² A pintura é de posse do Instituto Metamorfose e foi exposta na galeria RAVIX, em 2022.



Fonte: Arquivo Pessoal (2022).

O Sebas Turística começou suas atividades no chão de escolas locais através de ações de Educação Patrimonial, em 2016. Até então foram feitas diversas ações nas escolas da cidade, como, a Escola Classe do Vila do Boa, Escola Classe Cerâmica da Benção, Centro de Ensino Fundamental Miguel Arcanjo Miguel Arcanjo e Centro Educacional São Francisco, conhecido como Chicão. As ações eram compostas de visitações aos lugares de memória da região, chegando, ao longo do projeto, a mais de 300 alunos das escolas locais. Ademais, foram realizadas mais de 50 oficinas em escolas da localidade.

Figura 13: Ação do Sebas Turística no Centro Educacional São Francisco em 2019.

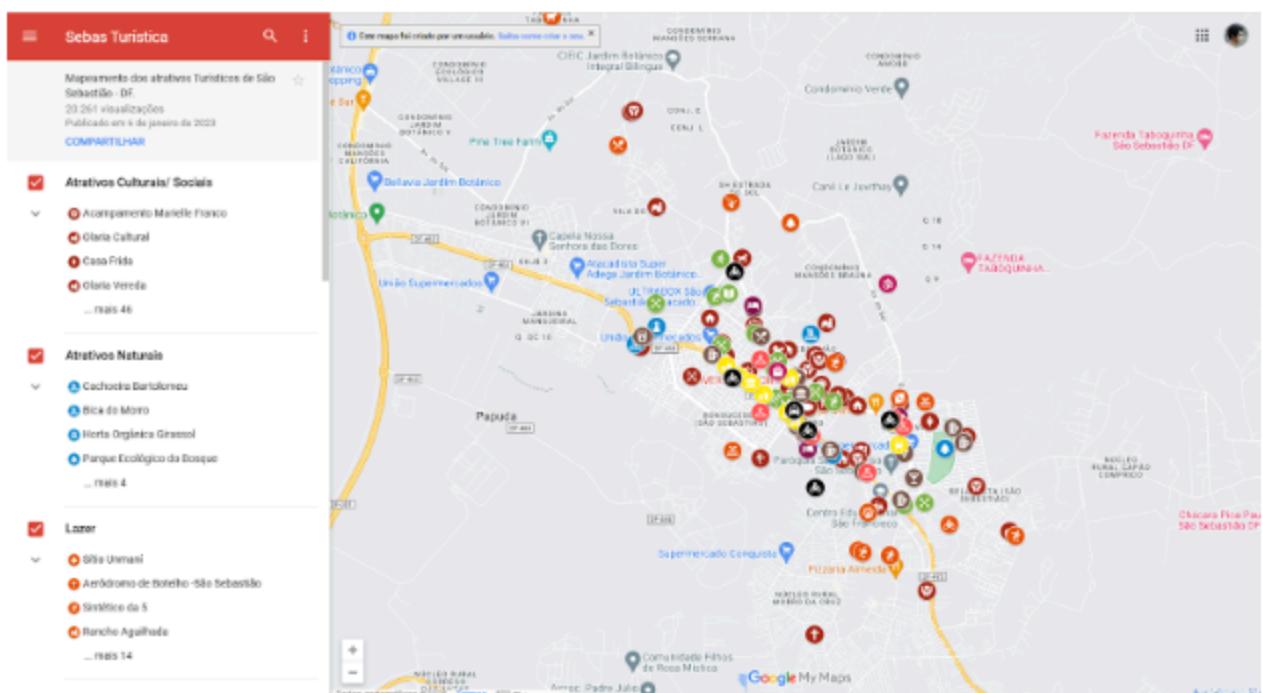


Legenda: Aline Karina apresentando o projeto no CEF São Francisco.

Fonte: Página do Facebook do Sebas Turística (2020)

Em 2022, um mapeamento digital de mais de 100 pontos foi realizado pela equipe, como possíveis "atrativos turísticos" da região que, comparado aos anos iniciais do projeto, especificamente em 2017, eram apenas 6 pontos turísticos (DIAS, 2017). Neste novo mapeamento estão contidos atrativos culturais/sociais, como as olarias, institutos culturais da cidade, batalha de rima; atrativos naturais, cachoeiras, horta comunitária, parques ecológicos; atrativos para lazer; espaços públicos, como quadras, praças, biblioteca, escolas; bares e restaurantes; hoteis; restaurantes de rua; brechó/bazar; artesanatos e lugares destinados para o transporte público.

Figura 14: Mapeamento de atrativos turísticos de São Sebastião, elaborado pelo Sebas Turística em 2022.



Fonte: Google Maps (2022)

Em virtude do reconhecimento de seu trabalho, em 2022 o Sebas Turística foi uma das 75 instituições a serem premiadas no edital nacional do programa “Elas Periféricas” feito pela Fundação Tide Setubal para apoiar, com um aporte de R\$ 1,5 milhão, diversas organizações e coletivos liderados por mulheres negras de periferias brasileiras. Além disso, também foi semifinalista na premiação da iniciativa “Trilhando a Transformação: desafio de inovações em turismo sustentável” feita pela companhia de energia elétrica de São Paulo CTG Brasil e da ONG Ashoka. E recentemente, em 2020, foi premiado pelo Fundo de Apoio à Cultura do Distrito

Federal no edital “Brasília 60 anos” dentro da categoria “Arte Tecnologia e Cultura Digital” e no Prêmio José Aparecido, que ganhou com a Rota Cultural: Arte Olaria.

Até o ano de 2022, foram alcançadas mais de 400 pessoas que conheceram a cidade e o desenvolvimento de projetos dentro do Sebas Turística, como o projeto Musas do Cotidiano, que promoveu o fortalecimento de mulheres negras de São Sebastião a partir de um ensaio fotográfico para ressaltar suas belezas e diversidades. Segundo o projeto, os locais das fotografias deveriam ser representativos para a história da cidade, nos quais estão interligadas as suas trajetórias pessoais dentro da comunidade.

Atualmente o projeto tenta expandir seus horizontes para o turismo no Distrito Federal, no intuito de explorar potenciais atrativos fora do centro de Brasília, como é o caso da recente rota do *Hip-Hop* no Distrito Federal. O roteiro é baseado em vivências com diversas linguagens artísticas relacionadas com o *Hip-Hop*, como o *Break*, oficina de grafite, capoeira e instrumentos de percussão. Essa específica rota é uma parceria com o Instituto Filhos do Quilombo, localizado na Ceilândia/DF e a Casa GOG, no Guará/DF.

Atualmente, o projeto possui como principal fonte de renda a venda dos produtos e serviços, por meio da produção de materiais, guias, passeios, roteiros, consultoria e *souvenir*, através do site do projeto²³. Além disso, o financiamento é vindo com o recurso de premiações em que o projeto foi selecionado. Porém, Sebas Turística ainda sofre com a falta de recursos para ampliar suas ações.

Outro ponto de destaque no que se refere às dificuldades, está na falta de ética dos profissionais do campo que plagiam a iniciativa, copiando seus materiais e divulgando sem referenciá-los, o que impacta no reconhecimento e na autenticidade do projeto.

2.2.1 Percorrendo as rotas do Sebas Turística

No ano de 2022, quando despertei para o tema deste Trabalho de Conclusão de Curso, investiguei as olarias da região e conheci a Olaria Vereda, que é a olaria artesanal de Dona Leontina e de Seu Antônio, através do Sebas Turística. A visita na Olaria Vereda ocorreu em agosto de 2022. Nela pude conhecer Dona Leontina Soares e seu filho Doryedson Caldeira, que

²³ Site do projeto <www.turismoforadoaviao.com.br/> Acesso em 04 jan. 2025.

trabalha com sua mãe nas atividades da rota turística e da olaria, no que diz respeito a apresentação do espaço e do saber-fazer dos tijolos artesanais para os visitantes. A visita foi marcada por conversa inicial com um café e lanches, na sala de estar da casa de Dona Leontina e seu filho Doryedson, contando um pouco da sua trajetória na região, acompanhada de falas que demonstram suas batalhas para sobrevivência no local, bem como sua reinvenção de mundos possíveis, vindo com o trabalho oleiro.

Somente em 2025, na retomada do projeto que levou a essa temática, pude fazer algumas rotas do projeto. As rotas feitas foram a histórica e a cultural, nas quais foram apresentados os seguintes atrativos: as ruínas da Cerâmica Arte, Instituto Metamorfose e o Centro de Formação e Cultura Nação Zumbi. A visita durou cerca de 3 horas, sendo possível conhecer os espaços, suas/seus líderes e suas atividades, no caso dos institutos culturais. Abaixo, informações e registros fotográficos realizados nas visitas, tanto de 2022 quanto em 2025.

Figura 15: Visita à Olaria Vereda em 2022.



Fonte: Arquivo pessoal do autor (2022)

Figura 16: Visita às ruínas da Cerâmica Arte no Setor Tradicional em São Sebastião.



Fonte: Arquivo pessoal do autor (2025).

Figura 17: Visão frontal das ruínas da Cerâmica Arte que exerceu suas atividades entre a década de 1960-1970.



Fonte: Arquivo pessoal do autor (2025).

Infelizmente, o mato alto e péssimas condições de acesso tornaram impossibilitada a visita ao local interno da olaria. A visita foi realizada somente pelo seu entorno, que está situado próximo a uma área privada, onde abriga uma escola de futebol, chamada de “Campo da 5”.

Após a visita fomos ao Instituto Metamorfose e recebemos a mediação do idealizador e artista Chico Metamorfose, na galeria batizada como “Rua Galeria”. O projeto, apoiado e financiado pelo FAC/DF, agrupou 13 artistas do DF para fazer uma intervenção artística nos muros das casas dos moradores de uma rua do Setor Tradicional da cidade, a fim de transformar, segundo o artista, em um verdadeiro museu a céu aberto. São 120 metros de pinturas que retratam super-heróis em cenas do cotidiano de São Sebastião, conduzindo a críticas sociais da sociedade contemporânea, como a superexploração do trabalho, a degradação ambiental, a construção de Brasília, o descarte inadequado do lixo. No final do roteiro nos deparamos com um grafite do “Cara Legal”, nome atribuído pelos moradores de São Sebastião ao homem que ajudou diversas pessoas da região e plantou diversas árvores pela cidade.

Figura 18: Chico Metamorfose em frente ao seu grafite do “Cara Legal”(2025).



Fonte: Arquivo pessoal do autor (2025)

É importante ressaltar que foi após a intervenção artística promovida pelo artista que a rua ganhou da administração da cidade, iluminação, calçadas e local para colocar seu lixo. Ou seja, foi através da arte, aqui vista como um ferramenta político-pedagógica, que despertou o olhar das autoridades para melhorar a qualidade de vida dos moradores da região.

CAPÍTULO 3 -

“EU ACHEI MUITO BONITO A ATITUDE DE LEVANTAR ESSE PROJETO. A GENTE NÃO FICOU ESQUECIDO, NÉ?! MUITO BOM RELEMBRAR!”: PERFORMANCES MUSEAIS AFETIVAS RIZOMÁTICAS BRUTAS EM SÃO SEBASTIÃO

Para iniciar esse capítulo, insiro aqui minha revolta, enquanto pesquisador e morador das periferias do Distrito Federal, contra os sistemas de opressão que determinam o que deve ser lembrado e quem tem direito à memória. Dignidade é uma palavra controversa quando falamos de populações vulnerabilizadas e que estão em constante processo de desumanização. Tendo em vista os espaços que preservam memórias, como museus, arquivos e bibliotecas, quando não dialogam com as comunidades ao seu entorno, se tornam violentos e fortalecem a segregação de grupos historicamente marginalizados, mantendo um epistemicídio que apaga e deslegitima seus saberes e narrativas. Para a filósofa Sueli Carneiro (2005), o epistemicídio é uma ação de apagamento sistemático de conhecimentos de grupos sociais subalternizados, o que resulta numa imposição de um sistema hegemônico de produção e preservação do saber. Os museus, historicamente, têm grande influência nessa formação. O sociólogo britânico-jamaicano Stuart Hall (1997) em sua obra “A identidade cultural na pós-modernidade” ressalta que a construção da memória coletiva e da identidade cultural na pós-modernidade ocorre em um movimento dinâmico e permanentemente disputado. Porém, quando museus não se tornam espaços de fortalecimento da memória coletiva, ignorando as experiências e perspectivas das comunidades, se tornam instrumentos do poder hegemônico, determinando o que deve ser lembrado e legitimado.

O quilombola e filósofo Antônio Bispo dos Santos, revela em sua obra "A Terra Dá, a Terra Quer", que a importância do conhecimento ancestral de povos dissidentes desse processo colonizador está a cada dia se exaurindo, por meio da sociedade de consumo, e que o apagamento sistemático de suas memórias estão cada vez mais presentes atualmente como prática de adestramento. Para ele, o colonizador “(...) começa por desterritorializar o ente atacado, quebrando-lhe a identidade, tirando-o sua cosmologia, distanciando-o de seus sagrados, impondo-lhe novos modos de vida e colocando-lhe outro nome” (Santos, 2015, p. 2). A falta de

pertencimento de comunidades que estão em constante processo de periferização, aliada à segregação espacial, como bem vimos acima por Santos (2015) sobre a prática do “adestramento” vinda do colonialismo, tem forte influência histórica de instituições museológicas. O reflexo das desigualdades estruturais globais foram criadas pela colonização europeia, especialmente com a chegada do Movimento Iluminista (séc. XVII e XVIII) que trouxeram os mais emblemáticos museus: “Louvre, em 1793, Museu Britânico, em 1753, Museu do Prado, em 1819, Rijksmuseum, em 1798, e os museus do Vaticano, em 1771” (Vergès, 2023, p. 7). O referido séc. XVIII também trouxe a consolidação do modelo de branquitude, com padrões que englobavam beleza, razão e o cânone da liberdade, imprimidos em seus museus que associavam a grandeza da nação. Para tanto, o museu ocidental e ocidentalizado tomou sua “glória no século XIX, quando juntou ao seu acervo milhares de objetos de arte e restos mortais que soldados, oficiais, missionários, aventureiros, mercadores e governadores trouxeram com eles no fim das guerras imperialistas e de colonização.” (Vergès, 2023, p. 8), ou seja, foram através de saques e roubos que os museus europeus se estabeleceram.

[...] as pilhagens e os roubos sistemáticos e a narrativa de uma história da arte centrada na Europa contribuíram para dar recursos e uma aura inigualáveis ao museu. Sem a pilhagem dos tesouros artísticos europeus pelos exércitos napoleônicos, sem o roubo dos frisos do Partenon em 1802, sem o saque do Palácio de Verão pelos exércitos franceses, alemães e ingleses em 1860, ao norte da Cidade Proibida, em Pequim, sem o roubo dos bronzes do Benim em 1897 [...] (Vergès, 2023, p. 12-13).

Nesse processo, Vergès (2023) reforça que as disputas no campo da memória e dos museus são frutos de um “campo de batalhas ideológicas, políticas e econômicas” (p.13-14) tornando, assim, em espaços sem neutralidade política. Os museus enquanto espaços sacralizados para a preservação, pesquisa e comunicação de seus acervos para a sociedade estiveram ligados ao contexto da dominação colonial, seja ela intelectual, simbólica, histórica, estética.

Partindo dessas premissas, a museóloga Maria Célia Teixeira Moura Santos (2002) traz a reflexão que a aplicação das ações de pesquisa, preservação e comunicação podem ocorrer não apenas em instituições museológicas, mas também em processos museológicos, visto que estes podem “anteceder à existência objetiva do museu ou ser aplicado em qualquer contexto social” (p. 79). Assim, a autora aliada ao conceito de Fato Museal da museóloga Waldisa Rússio, entende que os objetos museais, ou passíveis de musealização, não estão fora dos seus contextos sociais da contemporaneidade, mas sim interferem e fazem parte de diversas realidades.

Bulhões (2017) traz para a reflexão do tema o conceito de Pacto Museal “aliança implícita e explícita existente entre os museus, seus públicos e as sociedades; firmada por meio de crenças sociais, práticas culturais, estratégias políticas e normas jurídicas fixadas em documentos que têm força de lei” (p.39). O Pacto Museal, está sendo cada vez mais perdido pela sociedade contemporânea, visto que as Performances Museais para o esquecimento em que “cada vez que um deles se afoga no descaso ou queima num incêndio, cai um pouco de água ou pega um pouco de fogo na gente” (p.41), estrategicamente “desprezam essa nossa ligação e confiança e deliberadamente negligenciam nossas coisas; marginalizam nossos assuntos e calam nossas vozes” (p.41).

Walter Benjamin (1985, p. 105 *apud* Lima, 2023, p. 97) afirma que a experiência é a “matéria da tradição, tanto na vida privada quanto na coletiva” e que a partir disso, todas as experiências se tornam “espaço-tempo de produção de conhecimento afetivo, do nosso sentipensamento de vida e de produção de sentidos para/na vida” (Lima, 2023, p.97).

No entanto, entendo que o campo dos museus e da Museologia deve ser o espaço para o reforço das subjetividades que, no caso do Brasil, são múltiplas e diversas. Vale destacar que um marco histórico para o campo é a Mesa-Redonda de Santiago no Chile em 1972, questionando as instituições museológicas no seu retorno para a sociedade complexa e diversa na América Latina. O movimento chamado de “Nova Museologia”, enfatizando sua função social e educativa dos museus. Esse encontro propôs que os museus se tornassem agentes ativos na transformação social, promovendo a inclusão e valorização das diversas culturas e histórias locais.

Pode-se entender que a população das cidades periféricas do Distrito Federal sofrem constantemente o apagamento de suas memórias em relação a centralização cultural, simbólica, histórica que o Plano Piloto exerce, visto a falta de instituições museológicas ou equipamentos culturais que abordam suas memórias e vivências como fonte de identidade e pertencimento com seu território. Bijo e Santos (2021) nos trazem a reflexão que existem diversas crises desde a criação das Regiões Administrativas do DF:

Diagnosticar os sintomas da crise das cidades-satélites de Brasília e, ao mesmo tempo, reconhecer os problemas políticos-estruturais, de afirmação e do exercício da cidadania, pois há um impasse: qual é o espaço de reivindicações de direitos. E o centro, Plano Piloto, ou a região administrativa em que o cidadão efetivamente habita? O movimento pendular Plano Piloto-RA gera indiscutivelmente uma ausência de pertencimento e a sensação de exclusão [...]” (Bijo, Santos, 2021, p. 191)

Os problemas sociais advindos da urbanização desenfreada e a suposta “modernização” tornam o processo de exclusão e apagamento de memórias em estratégia de dominação, seja ela simbólica, estética, epistêmica, histórica, social. Os projetos desenvolvidos pela comunidade de São Sebastião como resposta a esse processo nos ensinam a importância da luta pela garantia do direito à memória, desde as lembranças que afetam desde momentos de dificuldades até momentos de satisfação e pertencimento, se tornando um ato de resistência. A luta de seu povo, é também pelo direito à cidade, pelo reconhecimento dos saberes ancestrais e pelo fortalecimento da identidade coletiva. Os trabalhos do projeto Memórias Oleiras e da rota turística Sebas Turística trazem à tona sua importância na preservação de memórias e na luta contra o esquecimento.

Para isto, usamos o princípio de mônadas, como método e metodologia. Como defende Lima (2023), inspirado no pensamento do filósofo Walter Benjamin, os princípios da mônada são “lampejos de imagens da memória acessados pela experiência narrada” (Lima, 2023, p.129). Os ditos “lampejos de imagens da memória” estabelecem que, ao abordar a história de forma não linear, enfatizamos a importância dos detalhes aparentemente insignificantes que, quando examinados, revelam estruturas históricas complexas de múltiplas análises. A seguir, trago “lampejos” dos projetos citados anteriormente.

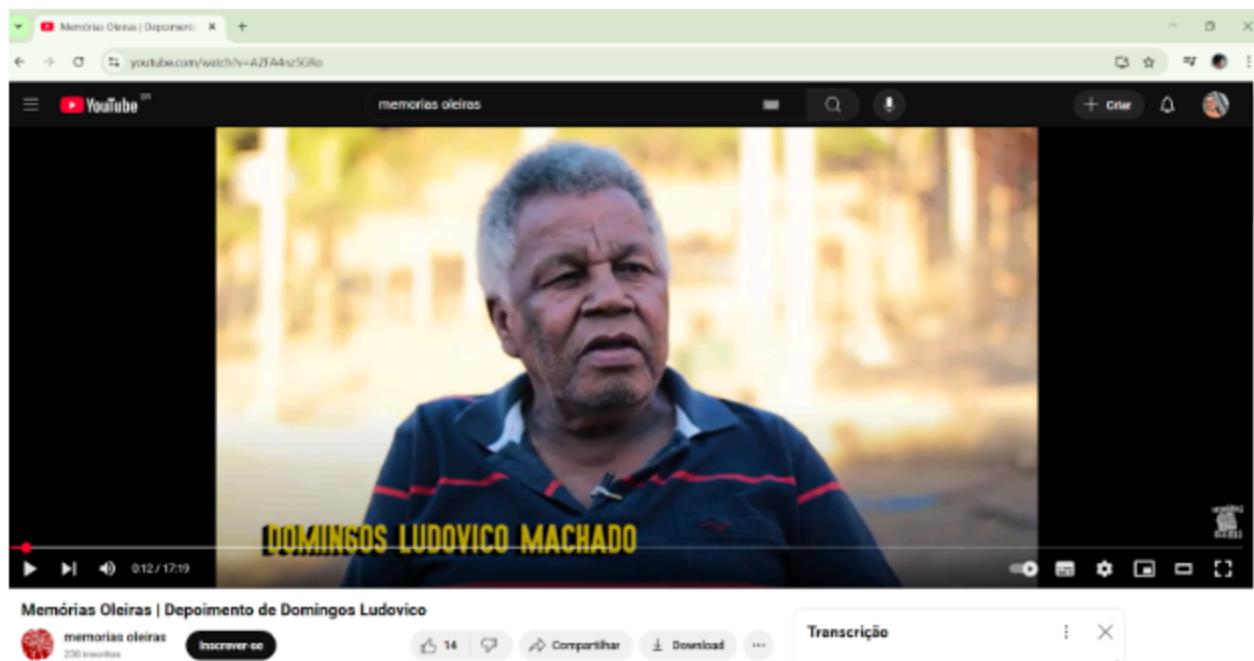
A ex-oleira de São Sebastião, Maria dos Reis, em entrevista ao Canal UnBTV em 2023, lembra que: “Eu cortava dois mil tijolos maciços, à vista, todos os dias, todos os dias. Hoje, graças a Deus, eu não corto mais, mas já cortei [...] eu fazia pra ganhar o pão” (Projeto [...], 2023, 36 s). O projeto expõe as dificuldades dos pioneiros no início da época oleira na região. Como afirma o pioneiro e oleiro Domingos Ludovico Machado, que veio de Formosa-GO na década 1950, em depoimento²⁴ prestado ao Memórias Oleiras em 2017:

“[...] passei por dentro do aeroporto de pé, ali. Nesse tempo era um cerradão por ali, vinha de pé eu e um irmão meu e o outro amigo que trabalhava comigo em São Sebastião. Cheguei aqui não tinha nada, nada, nada. Primeira cerâmica que eu conheci era a cerâmica Benção. [...] Primeira semana eu adoeci com caxumba. Aí quando eu cheguei lá passei tanta dificuldade que quando eu cheguei lá meu irmão foi o mesmo foi comigo outro amigo meu, aí o cara que era o que dava comida pra gente lá, fornecia a cantina lá, era evangélico, sabe?! E até fiquei bobo com a atitude dele comigo. Quando fui almoçar, ele falou que eu só podia comer se meu irmão garantisse, e o meu colega garantisse que eu não estava trabalhando, e que eu tava doendo [...] aí meu irmão ‘eu garanto, to

²⁴ Endereço eletrônico do depoimento de Domingos Ludovico Machado (17 min 19 s) no canal Memórias Oleiras no YouTube, disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=AZFA4nz5GRo>> Acesso em 03 fev. 2025.

trabalhando pode deixar ele comigo". Eu fiquei com ele, trabalhei um bucado de tempo e de lá eu fui chamado para trabalhar na BKT, olaria. Trabalhei um bucado de ano lá, mas era uma situação que condução não tinha pra lugar nenhum, sabe?! pra gente ir pra cidade, Bandeirante, por exemplo, eu fui várias vezes pro Bandeirante de bicicleta e fui até de pé várias vezes. Várias vezes vinha pro Bandeirante de lá e dormia na estrada porque não tinha e não tinha condições. [...] naquele tempo que eu cheguei não tinha itinerário aqui não, os ônibus eram tudo, os cobrador dependurado nas portas, gritando para onde os ônibus iam. Um puerão que ninguém aguentava" (Pioneiro de São Sebastião, 2017)

Figura 19 - Vídeo do depoimento de Domingos Ludovico no canal Memórias Oleiras



Fonte: Página do projeto <<https://youtu.be/AZFA4nz5GRo?si=OIAM-pjalvVsCvO>> no YouTube (2017).

Dona Carminha, ex-oleira e pioneira da ocupação do território de São Sebastião reforça em seu depoimento²⁵ ao Memórias Oleiras, em 2017, as condições precárias que os moradores da região sofriam e sua situação, enquanto mãe e oleira:

"[...] Na 49, lá pra cima dos posto de gasolina que tem lá em cima, ia com o menino no braço, doente, não achava carona e voltava com esses menino doente pra trás. Debaixo de chuva, às vezes. De noite aqui era só mato, de primeiro. E o medo?! Deus me livre! Tinha vezes que eu ia sozinha com o menino nos braços doente" (Pioneira de São Sebastião, 2017).

²⁵ Endereço eletrônico do depoimento de Dona Carminha (09 min 54 s) no canal Memórias Oleiras no site YouTube, disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=jAjEmUMJjQE>> Acesso em 04 fev. 2025.

Outro depoimento²⁶ de extrema relevância no contexto das primeiras olarias da região é do ex-oleiro Oscalino Moreira de Souza, conhecido como Santo, hoje freteiro. O testemunho, no qual descreve a longa jornada de trabalho nas olarias, denuncia a conjuntura do trabalho desumano que era lembrado por Oscalino (Santo), como “muito duro”:

“[...] era muito duro, que a gente levantava às duas horas da manhã e não tinha horário pra parar. O trabalho na olaria tem um pra amassar o barro, um pra encher o picador, e outro pra cortar. Um cortador de tijolo, um piteiro e um carroceiro. [...] eu trabalhei em olaria dos 8 anos até os 26 anos. Eu era cortador. Dependia muito do planejamento, porque tinha uns que você tinha que cortar de arco e demorava até três horas.” (Ex-oleiro de São Sebastião, 2017 - grifo nosso)

Apesar das circunstâncias das condições de trabalho, moradia, segurança, Oscalino relembrava o tempo que, ao seu ver, traz boas lembranças e saudade, e menciona a tranquilidade, a flora do cerrado, em diálogo comparativo com a contemporaneidade.

“Antes era melhor porque você vivia tranquilo, vivia em paz, você dormia em paz, saia em paz. Hoje você é um prisioneiro dentro de casa, não temos segurança aqui. Era uma região muito boa, né?! Tinha muitas frutas, tinha pequi, araticum, [...] graviola, a gente saia todo mundo pegando fruta por ai e hoje não tem mais, acabou tudo. O que tinha de bom é que a gente saia, se divertia, não tinha briga, não tinha bandido aqui, você saia e sua casa não era assaltada, você podia dormir no meio do mato e ninguém vinha mexer com você. Ganhava pouco, mas era uma vida bem melhor. Era um tempo duro, mas bem melhor do que hoje” (Ex-oleiro de São Sebastião, 2017).

O exímio griô Edvair Ribeiro, em seu depoimento²⁷ fala sobre sua vinda para morar na área que era conhecida como Papuda na década de 1960, vindo da Campanha de Erradicação de Invasões, hoje RA-IX Ceilândia, para trabalhar com seu tio Domingos, abordando que o trabalho era um “sistema de semi escravidão e você trabalha troco da comida” (Memórias [...] 2016, 10min 37s). Ele relembrava quando chegou com 6 anos, o trabalho nas olarias da região despertou deslumbramento com o movimento dos caminhões “pessoal levantava para fazer tijolo maciço levantava tardar 3 da manhã, mas a madrugada perfeita pra começar fazer tijolo, era levantar 1:30 para começar a trabalhar 2 horas da manhã fazer tijolo maciço” (Memórias [...] 2016, 12 min 42 s). Edvair destaca, para além do trabalho oleiro, a diversidade de frutas e a riqueza hídrica da região, “me alimentava de bacupari, sangue de Cristo de saputá, cajuí, de araticum, murici, todas

²⁶ Endereço eletrônico do depoimento de Oscalino Moreira de Souza (06:43 minutos) no canal Memórias Oleiras no site YouTube, disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=hkn7eQBhM6Q>> Acesso em 04 fev. 2025.

²⁷ Endereço eletrônico do depoimento de Edvair Ribeiro (23 min 52 s) no canal Memórias Oleiras no site YouTube, disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=4ZVZflqBqto>> Acesso em 05 fev. 2025.

as frutas silvestre [...] esse cerrado aqui era rico e a água brotava de todos os qualquer reentrância de qualquer pé de morro brotava água (Memórias [...] 2016, 11 min 30 s).

O testemunho do pioneiro e ex-oleiro Sebastião de Azevedo Rodrigues, Tião Areia, que deu origem ao nome da cidade, profere suas memórias quando chegou nas olarias em 21 de maio de 1959. Segundo Sebastião, após alguns anos, ele conseguiu comprar sete olarias na região. Segundo ele, uma grande recessão econômica naquele período fez com que muitos empresários abandonassem suas empreitadas. Mas em razão de uma doença de chagas que foi diagnosticada após a compra das olarias, se viu no dever de doar as terras ociosas para quem não tinha onde morar e, assim, a região foi sendo ocupada, paulatinamente. Por essa ação e outras inúmeras solidariedades para com quem chegava na região, o nome da cidade, através da votação da comunidade, o homenageou. Ele relembra: “partindo o meu e dando pra eles, carregando de baixo pra cima, ajudando numa mudança, dando um material que eu tinha muito né, eu ajudava aos poucos, quem não tinha nada eu ajudava” (Memórias [...] 2017, 14 min 21 s). O entrevistado também recorda do fornecimento irregular de água que Sebastião fazia para a comunidade, em que ele foi preso:

“então pra poder dar água pra esse pessoal, pra escola Cerâmica da Benção, não tinha, a creche que nós construímos, através de um mutirão pela LBA, a igreja que precisava de água e muitas outras. Então eu puxei a água lá do presídio, era uma água que tava sobrando e quando esse povo descobriu que eu puxei essa água, Nossa Senhora! Foi quatro vezes que me prenderam no dia” (Memórias [...] 2017, 14 min 59s).

Os depoimentos revelam que o trabalho nas olarias foi e ainda é o sustento de muitas famílias da região. Um exemplo é o oleiro Nilson Roberto da Silva, conhecido como *Gira*. Em depoimento²⁸ ao Memórias Oleiras em 2016, relata que desde os 14 anos (somando 34 de anos de trabalho), até o momento da entrevista, trabalhava na extinta olaria Cerâmica Nacional, uma das primeiras olarias da região, hoje demolida para abrigar um novo bairro habitacional, denominado Alto do Mangueiral. Ele afirma “aqui fazia os tijolo e mandava para Brasília, pra construir lá” (2016).

No testemunho, Nilson, apresenta a história do Seu Boa, Boaventura da Silva, e de sua ex-esposa, Senhorinha Pereira da Silva, que auxiliaram diretamente na luta contra a fome de famílias da região, com sua produção de hortaliças e farinha. Ou seja, a memória de quem ajudou

²⁸ Endereço eletrônico do depoimento de Nilson Roberto da Silva (8 min) no canal Memórias Oleiras no site YouTube, disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=ctph9LTggO8>> Acesso em 05 fev. 2025.

no combate à fome dos antigos moradores de São Sebastião, evidenciada e acolhida pela comunidade nos depoimentos do Memórias Oleiras, mostram não apenas a resistência e a solidariedade dos antigos moradores de São Sebastião, mas também como suas histórias permanecem vivas e significativas no imaginário coletivo. Por intermédio das Performances Museais Afetivas Rizomáticas Brutas (Bulhões, 2017), as narrativas se completam em experiências sensoriais e emocionais que extrapolam o singelo registro documental. O envolvimento dos moradores que dão o depoimento, bem como da comunidade, estabelece um ambiente de compartilhamento de afetos, onde memórias individuais se cruzam às coletivas, promovendo um diálogo entre os pioneiros, os oleiros e as novas gerações, fortalecendo o pertencimento com o território e suas identidades culturais, aqui vistas como múltiplas e diversas.

Não é somente a história da atividade oleira que é exposta na página do projeto, as histórias de professoras, parteiras, também são expostas outras perspectivas de mundo, como é o caso de Maria Moreira de Souza, conhecida pela comunidade como Maria Fuiça, importante parteira da cidade que realizou diversos partos e ajudou diversas mulheres. Vinda de Correntina-BA na década de 1950, exatamente no ano de 1958, para a região, foi marcada de idas e vindas no território que hoje se encontra o Distrito Federal atrás de melhores condições de vida e trabalho. No seu depoimento²⁹ ela rememora sua vinda para a região quando essa se chamava “Papuda” na década de 1960:

“eu já tinha minhas coisas que levava: tesoura, cordãozinho para amarrar o imbigo; tudo eu já tinha e levava. Chega lá, pegava o menino, cortava o imbigo dele, amarrava direitinho, fazia a camisinha de papel pra colocar no imbigo, depois fazia um curativo de azeite de mamona, dava uma colherzinha de óleo de ricino pra criança beber pra limpar por dentro; e ai, era meu ofício e nunca morreu uma criança em minhas mãos e nem mulher nem ninguém; tudo foi saudável, beleza!” (Memórias [...] 2017, 9 min 37 s)

²⁹ Depoimento de Maria Fuiça (9 min 37 s) no canal Memórias Oleiras no site YouTube. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=D9Iw7W0C3Ww>> Acesso em 06 fev. 2025.

Figura 20: Vídeo do depoimento de Maria Fuiça no canal Memórias Oleiras.



Fonte: Canal Memórias Oleiras <<https://youtu.be/D9Iw7W0C3Ww?si=s44wBHp1RcGnbQXS>> no Youtube (2017).

Durante a entrevista, o entrevistador Edvair Ribeiro questiona Maria Fuiça, perguntando se ela se sentia feliz pelos seus feitos, estampados em seu ofício que ajudou no parto de muitas mulheres da região. Assim ela responde:

“eu sou feliz! Quando eu me lembro de meus trabalhos na meia-noite que eu levantava e saia de casa, pra ir olhar mulher, pegar neném. Eu sinto saudade, é! E sou muito feliz e se for a hora que uma tiver passando mal, e dizer assim ‘não tem como levar no hospital e já tá na hora, e eu encosto comigo mesmo e ainda pego” (Memórias [...] 2017, 9 min 37 s).

Dentre suas falas, podem ser explicitados os sentimentos que a parteira e pioneira Maria Fuiça tem em relação às suas memórias e a sua disposição de ainda poder ajudar mulheres gestantes, bem como o conhecimento ancestral que permeia toda sua oralidade.

Visto que a ancestralidade percorre os caminhos aqui já trilhados, o trabalho da oleira e mestra do saber Dona Leontina e sua família, que desenvolvem juntamente com o Sebas Turística ações de educação patrimonial e museológica dentro de sua olaria artesanal. No guia desenvolvido pelo projeto (ANEXO I) estão alguns registros fotográficos que inserem-nos nas atividades dentro da olaria Vereda, transformando-a, assim, num espaço vivo de transmissão de saberes. Logo, a sensibilidade do olhar museológico, logo, das PMARB, destacam o

conhecimento oleiro, bem como a trajetória da memória de Dona Leontina e Seu Antônio, transmitidas através da oralidade. Dona Leontina Caldeira Soares e seu marido, Antônio Soares Ferreira, são reconhecidos como pioneiros e guardiões da memória de São Sebastião, Distrito Federal. O casal chegou à região em 1955 do estado de Minas Gerais “Mas a gente veio de uma luta travada em Minas, eu passei muita fome e acordava cedo para trabalhar na roça, e muitas das vezes já peguei em cobra. Dormia usando saco, era uma vida muito sofrida, até chegar em São Sebastião que já melhorou um pouco” (Soares, 2017, p. 48, *apud*, Dias, 2017). Quando Dona Leontina Soares chega na comunidade, se dedica à produção artesanal de tijolos, atividade essencial para a construção de Brasília. Segundo Dias (2017), “o casal de oleiros [...] são sujeitos históricos dessa memória que constitui a história de São Sebastião” (p. 28).

Figura 21: Dona Leontina explicando o saber-fazer dos tijolos artesanais a um grupo escolar.



Fonte: Página do projeto Sebas Turística no Facebook (2019)

Figura 22 - Doryedson Caldeira, filho de dona Leontina, ensinando o método do saber-fazer dos tijolos artesanais para um grupo de estudantes.



Fonte: Página do projeto Sebas Turística no Instagram (2022).

Figura 23 - Dona Leontina fazendo mediação para um grupo de visitantes em sua casa em 2019.



Fonte: Página do projeto Sebas Turística no Facebook (2019)

Figura 24 - Dona Leontina fazendo mediação para um grupo de visitantes em sua olaria em 2019.



Fonte: Página do projeto Sebas Turística no Facebook (2019)

Como podemos analisar, a oralidade é o elemento central na perpetuação da herança cultural, tanto pela sua importância histórica/afetiva/artística/política, como para sua sobrevivência de suas memórias. Nesse sentido, memória é vida e vida é memória, seja na formação do território ou seja a vida das pessoas que o formaram. A museóloga Gílrene Bulhões, em sua dissertação de mestrado “Museus para o esquecimento: seletividade e memórias silenciadas nas performances museais”, relata que instituições museológicas arbóreas que fazem o “enaltecimento dos enredos megalomaníacos da memória-arbórea, hierarquizante e subalternizante” (p. 111), excluem a narrativa e oralidade de comunidades alvo de marginalização das narrativas oficiais e colonizadoras. Em contraponto, podemos ver, rizomas. Para a autora:

O Rizoma não segue o padrão da subordinação hierárquica, da comparação, da sacralização ou demonização arbóreas; ele é a liberdade da criação multivariada das Musas, a busca de Museu pela poiéa que há em tudo o que existe, o reconhecimento do valor de Zeus e a fertilidade da Grande Mãe; Mnemosine, Nanã, Oxum e Lethe (Bulhões, 2017, p. 142).

Dona Leontina e sua família, Edvair Ribeiro, Paulo Dagomé, Aline Karina, o coletivo Sebastianas, Organização Cultural Supernova, são rizomas, no percurso de nadar contra a maré de silenciamentos sistematizados pelo poder dominante, sendo criado por “várias mãos, que se dão as mãos” (Bulhões, 2017, p.143) potencializando suas PMARB e sendo o significado para seu povo. Roberta da Silva, ex-oleira, fala com entusiasmo sobre o significado de tal projeto para a valorização de sua memória, em entrevista ao Canal UnBTV 2023:

“Eu achei muito bonito a atitude de levantar esse projeto. A gente não ficou esquecido, né?! Muito bom relembrar, né?! Com o pessoal todo. Apesar de que muitos já se foram, mas que existem muitos lá em São Sebastião, pra serem escritos e lembrados o nome deles nesse projeto [...]” (Projeto [...], 2023, 2 min 36 s)

Por meio de seu depoimento podemos entender como a comunidade enxerga a iniciativa e um pouco mais sobre o significado de pertencimento e preservação das suas memórias e afetos da comunidade, a partir dos projetos analisados. Bulhões (2017) aborda as potências de tais ações, “marginalizadas e marginalizados de toda sorte exercem o direito de ter suas memórias preservadas e comunicadas, de exibir seus corpos e de se pronunciar por suas próprias vozes, ao invés de serem traduzidos por outrens” (p.179). Porém, a autora destaca que mesmo instituições contra-hegemônicas podem reproduzir práticas de seletividade de memórias mas que estratégias podem ser traçadas como “agregar às suas musália aquilo que os move: as suas próprias histórias

e memórias e as dos seus públicos próximos; a pluralidade Rizomática dos seus próprios Afetos” (p. 180).

Neste capítulo, vimos a importância da preservação de PMARB para São Sebastião e para seus habitantes, através de ações de contorno contra o apagamento sistematizado à culturas vítimas de marginalização, sendo “[...] pistas... De territorializações e desterritorializações... [...] linhas de fuga, escoamentos, encanamentos, multiplicidades, multiplicações, construções, desconstruções, reconstruções, relativizações, problematizações, criticidade, empoderamento” (Bulhões, 20217, p.150) para o fortalecimento das heranças culturais da região.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A lógica hegemônica dos espaços museológicos, que frequentemente prioriza narrativas oficiais, invisibiliza essas outras formas de memória e conhecimento. No entanto, ao me debruçar sobre as Performances Museais Afetivas Rizomáticas Brutas, conceito desenvolvido por Girene Chagas Bulhões (2018) aliado às práticas de preservação dos projetos Memórias Oleiras e da rota turística Sebas Turística, foi compreendido que a experiência museológica vai muito além da exposição de objetos; ela envolve conexões emocionais, sensoriais e interpessoais entre os visitantes e os acervos/saberes. A atuação dos líderes comunitários na preservação de sua herança cultural pode sensibilizar os profissionais do campo museológico, incentivando um olhar mais atento às memórias oleiras, frequentemente marginalizadas pelas narrativas dominantes e oficiais.

A prática de elaborar experiências museológicas deve, portanto, ser pensada a partir da participação ativa das comunidades, descentralizando e emancipando a preservação das memórias oleiras que sofrem tentativas de marginalização. Como nos ensina o historiador e filósofo Walter Benjamin (1994), é preciso "escovar a história a contrapelo", ou seja, olhar para o passado a partir das vozes dos silenciados, questionando a memória oficial que construiu uma ideia de progresso baseada no epistemicídio e na opressão. Em São Sebastião, essa perspectiva se faz urgente diante da ausência do poder público na preservação das heranças culturais locais e da necessidade de ampliar os processos decisórios sobre as memórias oleiras e epistemologias da região.

A pesquisa nos ensinou que o conhecimento não é exclusivo das instituições de ensino ou de instituições museológicas, tradicionalmente vistos como os principais guardiões dos saberes e da memória social. Pelo contrário, são as comunidades historicamente marginalizadas pelo poder hegemônico que detêm saberes e memórias, resistindo ao apagamento e se reinventando a cada dia. Não se trata de "dar voz" a essas populações, pois elas já têm suas próprias vozes – o desafio é reconhecê-las, escutá-las e garantir que sejam ouvidas. Valorizar a autonomia dessas

comunidades significa permitir que sejam protagonistas na preservação e transmissão de seus próprios conhecimentos e histórias, incentivando profissionais da cultura, sobretudo museólogos/as, a adotarem um olhar crítico e sensível para as contranarrativas.

Nesse sentido, projetos Sebas Turística e o Memórias Oleiras, que incorporam a educação para o patrimônio, ao circuito turístico local, são fundamentais para a continuidade das tradições oleiras na região. A proposta do turismo cidadão fortalece e valoriza a comunidade porque desloca o foco das narrativas hegemônicas e coloca a população local como produtora e guardiã de sua própria cultura, através da oralidade, elemento central na perpetuação das heranças culturais da região.

Evidenciar as PMARB da comunidade representa um ato político de resistência contra o silenciamento. Planejar liberdades e dignidades no campo da Museologia significa reconhecer as interseccionalidades das opressões de raça, etnia, gênero e classe, dentre outras, e entender que preservar memórias oleiras contra-hegemônicas é lutar contra a exclusão estrutural. A investigação desses projetos em São Sebastião oferece ao campo museológico alternativas concretas para a preservação dessas memórias, não apenas no Distrito Federal, mas em diversas outras comunidades que são vítimas do apagamento, possibilitando que sonhos e a imaginação possam ser combustível para mundos possíveis.

A luta pela memória é também a luta pela sobrevivência e pelo cuidado. Porém, segundo a idealizadora do Sebas Turística, Aline Karina, as dificuldades estão ligadas à falta de financiamento para expansão de suas atividades, aliada com a falta de ética de profissionais que atuam com turismo e outras áreas do patrimônio, plagiando o projeto e suas pesquisas sem referenciá-lo. A falta de financiamento e profissionais também afeta as atividades do Memórias Oleiras, como relata um dos idealizadores, Paulo Dagomé. Como seus integrantes precisam se manter financeiramente com outras atividades, o projeto fica sujeito a ser realizado no tempo livre de cada um, ou contar com o trabalho de voluntários. Além disso, o estado de conservação em que se encontram as olarias que fizeram parte da história de São Sebastião, como a Cerâmica Arte, da década de 1960, está em péssimas condições de conservação, cercada pelo mato alto, fadada ao desaparecimento, como foi o exemplo da Cerâmica Nacional, destruída para construção do bairro Alto Mangueiral. Cabe ao Poder Público do DF e da União proteger e salvaguardar essas memórias oleiras, além de fortalecer a identidade e pertencimento dos moradores ao seu território.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMENDRA, Renata Silva. “A cidade inteira é minha”: representações e territorialidades nos grafites de Brasília. 2020. 321 f., il. Tese (Doutorado em História)—Universidade de Brasília, Brasília, 2020. Disponível em <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/40892>> Acesso em 22 de out. 2024.
- ARAUJO, Mara de Fátima dos Santos. São Sebastião-DF: do sonho à cidade real. 2009. 140 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo)- Universidade de Brasília, Brasília, 2009. Disponível em <<http://ict.s.unb.br/jspui/handle/10482/4362>> . Acesso em 21 de jan. 2025.
- ASSUMPÇÃO, A. L. CASTRAL, P. C. Memória, identidade e cultura: condições de pertencimento aos espaços da cidade. Revista Memória em Rede, Pelotas, v.14, n.27, Jul/Dez 2022 – ISSN-2177-4129. Disponível em <periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/Memoria> Acesso em 8 fev. 2025.
- BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas I: magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BERTRAN, Paulo. História da Terra e do Homem no Planalto Central: Eco-história do Distrito Federal, do indígena ao colonizador. 1. ed. Brasília: Editora Verano, 2000.
- BIJOS, L.; DA SILVA-SANTOS, G. . História e cidadania nas regiões administrativas de Brasília. Fórum. Revista Departamento de Ciência Política, [S. l.], n. 19, p. 189–210, 2021. DOI: 10.15446/frdcp.n19.82162. Disponível em: <https://revistas.unal.edu.co/index.php/forum/article/view/82162>. Acesso em: 14 jan. 2025.
- BRUNO, M. C. O. Musealização da arqueologia: : alguns subsídios e antecedentes. Hawò, Goiânia, v. 2, 2021. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/hawo/article/view/70338>. Acesso em: 26 set. 2022.

BULHÕES, Girelene Chagas. **Museus para o esquecimento: seletividade e memórias silenciadas nas performances museais**. 2017. 192 f. Dissertação (Mestrado em Performance Cultural) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2017.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser.** 2005. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. . Acesso em: 12 jan. 2025.

CODEPLAN. Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios do Distrito Federal (PDAD-DF)
Resultado por RA. Disponível em
<https://pdad2021.ipe.df.gov.br/static/downloads/apresentacoes/apresentacao_ras.pdf>. Acesso em: 13 abr. 2024.

COSTA, H. H. F. G. (2020). **Museus fazem bem à saúde? : uma tese sobre museu e saúde na sociedade do século XXI**. Museologia & Interdisciplinaridade, 9(17), 147–157. Disponível em <<https://doi.org/10.26512/museologia.v9i17.29475>> Acesso em 13 de out. 2024.

LIMA, Valdemar de Assis; PAIM, Elison Antônio. **Os negros olhares e os olhares negros dos educadores sobre os museus em Florianópolis: identidades, experiências e uso social da memória em espaços museais.** Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação, [S. l.], v. 6, n. 4, p. 38–49, 2020. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/91>. Acesso em: 14 abr. 2024.

DIAS, Aline Karina de A. Trilha turística: memória de um casal pioneiro de uma olaria artesanal de São Sebastião na construção de Brasília. Universidade de Brasília. Centro de Excelência em Turismo. Brasília. 2017. Disponível em: <https://bdm.unb.br/bitstream/10483/19342/1/2017_AlineKarinadeAra%C3%BAjoDias_tcc.pdf> Acesso em: 12 set. 2022.

FELLET, João. A história do quilombo que ajudou a erguer Brasília - e teme perder terras para condomínios de luxo. BBC News Brasil, 2018, São Paulo. Disponível em <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-44570778>> Acesso em: 21 nov. 2024.

FIALHO, Átila Rezende; SILVA, Carolina Pescatori Cândido da. **Segregação planejada nos primórdios de Brasília: o caso da vila Amauri**. Cadernos Metrópole, São Paulo, v. 25, n. 58, pp. 1051-1072, 2023. Disponível em <<https://doi.org/10.1590/2236-9996.2023-5812>> Acesso em 24 nov. 2023.

GOMES, Flávio. **História social da escravidão e da liberdade: trabalhadores negros no Brasil.** Rio de Janeiro: Mauad X, 2013.

GOMES, C. R. **O pensamento de Waldisa Rússio sobre a Museologia. Informação & Sociedade,** [S. l.], v. 25, n. 3, p. 21–35, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/ies/article/view/23934>. Acesso em: 14 abr. 2024.

GUARNIERI, Waldisa Rússio C. **Conceito de Cultura e sua Interrelação com a herança cultural e Preservação.** Cadernos Museológicos, Rio de Janeiro. IBPC. n. 3, 1990. Acesso em: 12 set. 2022.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo demográfico 2022: resultados preliminares.** Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 17 set. 2024.

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Arqueologia e os primeiros habitantes no Distrito Federal / Margareth de Lourdes Souza, organizadora;** - Brasília: IPHAN-DF, 2019.

LE GOFF, J. História e Memória. Tradução: Bernardo Leitão [et al.]. 5. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

LEMOS, Guilherme Oliveira. **Expedito e Gildemar: os Dois Candangos e as memórias do pós-abolição em Brasília.** 2022. Brasília, DF. Portal Geledés. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/expedito-e-gildemar-os-dois-candangos-e-as-memorias-do-pos-abolicao-em-brasilia/>. Acesso em: 6 out. 2024.

LIMA, Valdemar de Assis. **O branco no preto e o preto no branco: EARER e o uso social da memória no fazer-se antirracista de pessoas brancas.** 2023. 185 p.Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2023. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/254060>>. Acesso em: 08 fev. 2025.

MIRANDA, Luciano. **Pierre Bourdieu e o campo da comunicação: por uma teoria da comunicação praxiológica.** 2005. Porto Alegre, RS: EDIPUCRS. p. 86. ISBN 8574305421. Acesso em: 12 set. 2022.

MOESCH, Marutschka Martini; SANTOS, Quezia Barboza Vieira. **O turismo na periferia como processo de construção de lugares de memória:** um estudo sobre São Sebastião-DF.

Cenário: Revista Interdisciplinar em Turismo e Território, Brasília, v. 11, n. 2, p. 1-13, 2024.
 DOI: 10.26512/rev.cenario.v12i1.51682. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/revistacenario/article/view/51682>. Acesso em: 14 set. 2024.

NASCIMENTO, A. F.; RUFINO, L. In memoriam “O fundamento é a roça” Antônio Bispo dos Santos (1959-2023). Anãnsi: Revista de Filosofia, v. 4, n. 2, 2023, p. 324-328. ISSN: 2675-8385 – Salvador, Bahia, Brasil. Disponível em <<https://periodicos.unb.br/index.php/revistacenario/article/view/51682>>. Acesso em: 23 jan. 2025

PEIXOTO, E.; WALDVOGEL, A. S.; OLIVEIRA , A. M. V. de. As casas de Ceilândia. Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais, [S. 1], v. 23, 2021. DOI: 10.22296/2317-1529.rbeur.202104pt. Disponível em: <<https://rbeur.anpur.org.br/rbeur/article/view/6447>>. Acesso em: 22 out. 2024.

POLLAK, M. (TRADUÇÃO DE FLAKSMAN, D. R) Memória, Esquecimento, Silêncio. Estudos Históricos, Rio de Janeiro. Vol. 2, nº 3, 1989, p. 3-15. Disponível em: <<https://www.culturaegenero.com.br/download/silencio.pdf>>. Acesso em: 12 set. 2022.

SANTOS, Antônio Bispo dos. A terra dá, a terra quer. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023. 112 p.

SANTOS, M. C. T. M. Processo museológico: critérios de exclusão. Cadernos de Sociomuseologia, v. 18, n. 18, 11. Disponível em: <<https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/362>>. Acesso em: 12 set. 2023.

SANTOS, Suely Virginia dos. A comunidade quilombola de Mesquita. Belo Horizonte : FAFICH. Coleção Terra de Quilombos. 2015. Disponível em <<https://www.gov.br/incra/pt-br/assuntos/governanca-fundiaria/mesquita.pdf>>. Acesso em: 14 nov. 2024.

SILVA, Cyntia Temoteo da Costa. Lugares de memória do Quilombo Mesquita. 2019. 56 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) - Assistência Técnica, Habitação e Direito à Cidade (AUE)—Universidade Federal da Bahia, Salvador-BA, 2019.

SILVA, Gerson de Castro. A história de uma cidade invisível: Vila Paranoá e seus quintais de memórias. 2019. 100 f., il. Trabalho de Conclusão do Curso (Especialização em Educação e herança cultural e Artístico)—Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

SIMAS, Luiz Antonio. O corpo encantado das ruas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

SIQUEIRA, Adriana de Resende; MACHADO, Lia de Mattos Rocha. **Candangos e a segregação urbana em Brasília: uma análise histórica das relações de trabalho e espaço.** Revista Brasileira de História, v. 36, n. 71, p. 95-115, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-93472016v36n71>. Acesso em 22 out. 2024.

VERGÈS, Françoise. **Decolonizar o museu: programa de desordem absoluta.** Tradução de Mariana Echalar. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

WALSH, Catherine. **Interculturalidade crítica e pedagogia decolonial: in/decidibilidade, condição abissal e os confins da modernidade/colonialidade.** In: CANDAU, Vera M. (Org.). *Educação intercultural na América Latina: perspectivas e propostas*. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 12-24.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos.** 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.

ZABUNYAN, Dork; JEANPIERRE, Laurent; RANCIÈRE, Jacques. **La méthode de l'égalité.** Paris: Bayard, 2012.

REFERÊNCIAS IMAGÉTICAS

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Arqueologia e os primeiros habitantes no Distrito Federal /** Margareth de Lourdes Souza, organizadora; - Brasília: IPHAN-DF, 2019.

GDF - Governo do Distrito Federal. **Arquivo Público do Distrito Federal.** Brasília/DF. 2024.

SEBAS TURÍSTICA. **Mapeamento de atrativos turísticos de São Sebastião/DF.** 2022. Disponível em <<https://www.google.com/maps/d/u/0/viewer?mid=1AVsg4KSjneF3iG2sgyBOW8qRCIg&ll=-15.898455777218205%2C-47.77212467934566&z=14>>. Acesso em 22 jan. 2025.

VÍDEOS

DEPOIMENTO de Domingos Ludovico Machado. São Sebastião/DF. 2017 (17 min 19 s) Publicado pelo canal Memórias Oleiras. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=AZFA4nz5GRo>> Acesso em 03 fev. 2025.

DEPOIMENTO de Dona Carminha. São Sebastião/DF. 2017. (09 min 54 s) Publicado pelo canal Memórias Oleiras. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=jAjEmUMJjQE>> Acesso em 04 fev. 2025.

DEPOIMENTO de Oscalino Moreira de Souza. São Sebastião/DF. 2017. (06 min 43 s) Publicado pelo canal Memórias Oleiras. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=hkn7eQBhM6Q>> Acesso em 04 fev. 2025.

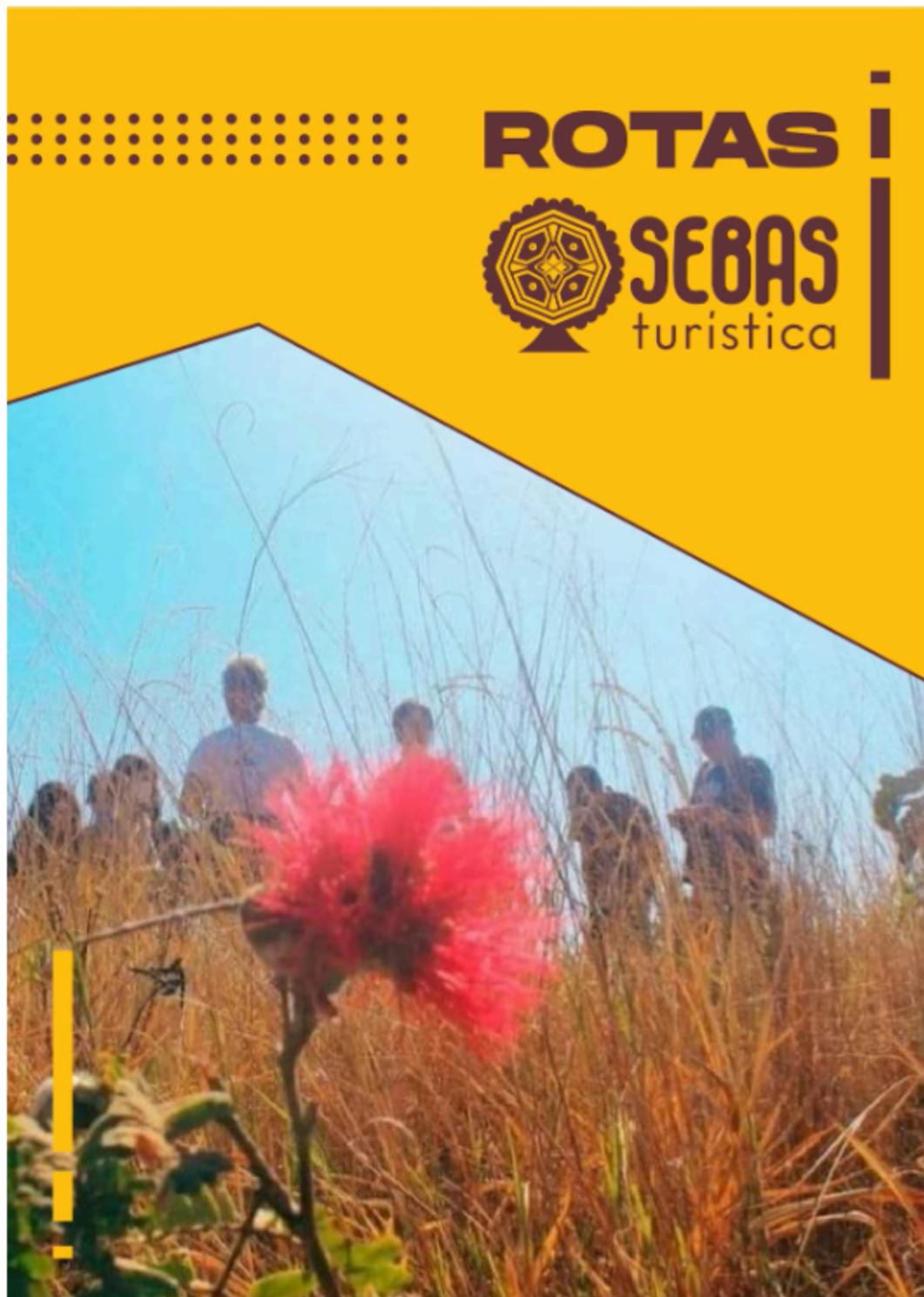
DEPOIMENTO de Edvair Ribeiro. São Sebastião/DF. 2017. (23 min 52 s) Publicado pelo canal Memórias Oleiras. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=4ZVZflqBqto>> Acesso em 05 fev. 2025.

DEPOIMENTO de Nilson Roberto da Silva. São Sebastião/DF. 2017. (8 min) Publicado pelo canal Memórias Oleiras. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=ctph9LTggO8>> Acesso em 05 fev. 2025.

DEPOIMENTO de Maria Fuiça. São Sebastião/DF. 2017. (9 min 37 s) Publicado pelo canal Memórias Oleiras. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=D9Iw7W0C3Ww>> Acesso em 06 fev. 2025.

PROJETO busca resgate histórico das olarias de São Sebastião. Brasília/DF. 2023. (3 min 38 s). Publicado pelo canal UNB TV. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=CQ8AseTZSz4>>. 2024. Acesso em 22 jan. 2025.

ANEXO A - CARTILHA DO GUIA TURÍSTICO: ROTAS SEBAS TURÍSTICA



**SOU TIJOLO,
SOU CON-
STRUÇÃO**



**SOU
SÃO SEBASTIÃO!**



Estrutura das Rotas de São Sebastião Distrito Federal

4 HISTÓRICA

Conheça os marcos históricos e encante-se com as narrativas do passado de São Sebastião. Percorra as histórias que moldaram essa comunidade.

9 CULTURAL

Deixe-se envolver pelas tradições vibrantes que celebram a riqueza e diversidade cultural de São Sebastião.

15 AMBIENTAL

Conecte-se com a natureza, vivencie trilhas, respire o ar puro e viva a biodiversidade que torna São Sebastião única.

19 ARTÍSTICA

Admire a criatividade expressiva e aprecie as interpretações contemporâneas que capturam a alma artística de São Sebastião.

22 SOCIAL

Conheça e apoie iniciativas solidárias, projetos com impacto social positivo e descubra como pequenos atos podem gerar grandes mudanças em São Sebastião.

24 LAZER

Desfrute de momentos relaxantes e emocionantes em São Sebastião. Conecte-se com a natureza e mergulhe em atividades e opções de lazer para todos os gostos.

26 HOSPEDAGEM

Localização estratégica para desfrutar tudo o que São Sebastião e as cidades mais próximas como Brasília e Paranoá tem a oferecer.



Rota Histórica

Olaria Vereda

Visite a **Olaria Vereda**, uma das olarias artesanais em funcionamento, localizada no bairro **Vila Green** em São Sebastião-DF.



4

Destacando a importância dos pioneiros de São Sebastião na construção da capital.

Conheça também a **Dona Leontina**, uma das protagonistas pioneiras que possui extrema importância para a história da cidade.

VIDEO

Fotos: Acervo Sebas Turistica



Rota Histórica

Olaria Marcos

Visite a **Olaria Marcos**. Localizada na região do **Capão Comprido**, a Olaria Marcos é uma das olarias artesanais em São Sebastião que se encontra em funcionamento para a realização e fabricação de tijolos artesanais.

VIDEO

Fotos: Acervo Sebas Turística



Cerâmica Arte

A "Cerâmica Arte" é considerada patrimônio cultural da cidade e **funcionou dos anos 60 até o início dos anos 80** como cerâmica que produziu em larga escala tijolos para a construção de Brasília.

A partir de então, foram instaladas algumas pipas de tijolos maciços na região.

Fotos: Acervo Sebas Turística



Rota Histórica Morro da Acrúz

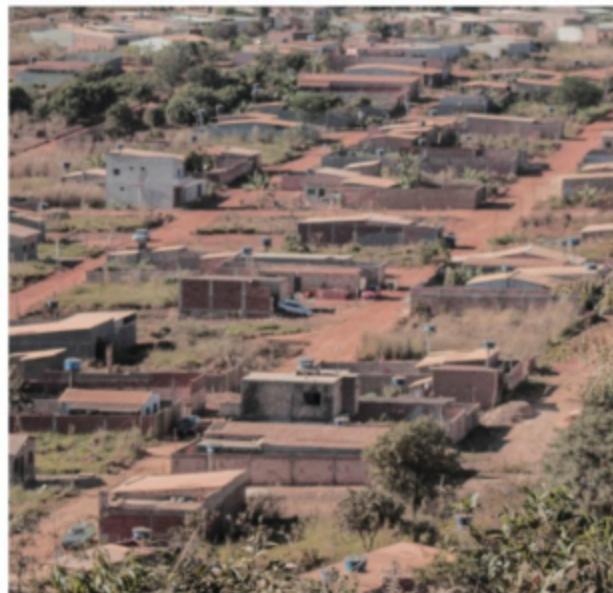
O mirante do **Morro da Cruz**, onde localiza-se a cruz do morro, nos permite ter uma visão 360° de São Sebastião. Importante destacar que essa região foi **rota dos tropeiros** e que muitos dos fazendeiros locais tinham a tradição de fixar cruz de madeira nos altos pontos da região. Os moradores locais sempre se referem a esse território como lugar de martírio dos escravizados, tendo em vista que o mesmo foi marcado pela presença de senzalas, mas é importante destacar que **São Sebastião foi rota da diáspora africana**, por meio do registro documental do Relatório da Comissão da Verdade sobre a escravidão negra no Distrito Federal e entorno.

VIDEO



6

Fotos: Acervo Sebas Turística



Rota Histórica

Ruínas Das Olarias

Conheça as Ruínas das Olarias e Cerâmicas que forneceram os tijolos para a construção de Brasília em São Sebastião, região que se instalou aproximadamente

QUASE 100 OLARIAS E CERÂMICAS PARA A CONSTRUÇÃO DA CAPITAL.



Foto: Acervo Sebas Turistica



Rota Histórica

Praça Tião Areia

Localizada na Rua 48, Bairro Centro, o nome da **Praça Tião Areia** é uma homenagem para um dos pioneiros da cidade,

VIDEO



Sebastião de Azevedo Rodrigues, que também foi um dos personagens principais e fundamentais para a construção da cidade.

Fotos: Acervo Sebas Turistica

Quilombo Mesquita

A comunidade remanescente de **Quilombo de Mesquita** localiza-se no município de Cidade Ocidental – GO, no entorno do Distrito Federal e Goiânia. Sua origem remonta ao século XVIII, quando três pessoas escravizadas foram receber a doação da Fazenda Mesquita, do proprietário João Manoel Mesquita. A partir daí, inicia-se a formação da comunidade negra rural, com base nas relações de parentesco e na agricultura familiar. Entre as atividades produtivas, perpetuaram a confecção de marmelada realizada na antiga fazenda.



O produto é ainda hoje uma marca da comunidade de Mesquita, assim como a bebida n'golo produzida através do quiabo de angola e as festividades populares tradicionais.

instagram



Fotos: Acervo Sebas Turistica

Rota Cultural

Praça Do Reggae

São Sebastião é marcada pela **ocupação maranhense**, uma prova dessa **marca cultural** é a **Praça do Reggae**, localizada no bairro Vila Nova, sendo um dos pontos de efervescência comercial e de ocupação popular da cidade.





Chamada inicialmente por “La Bodeguita”, a Praça levou o nome de um boteco que existia nas proximidades, mas o que de fato ressignificou o local e fez com que a Praça seja conhecida em todo o DF foi a tradicional festa da radiola “África do Som”, promovida pelos negros maranhenses na casa “Raiz Reggae”, que ficava em frente à Praça. E hoje, o **Reggae na Praça, evento promovido pelo **Calangos Sounds**, ganha cada vez mais força sendo um evento de referência local e atividades como o Cinema na Praça e que agregam valor ao espaço.**

Fotos: Acervo Sebas Turistica

Rota Cultural

Centro de Formação Nação Zumbi



Atende crianças, jovens, adultos e idosos, dando-lhes **amparo educacional na alfabetização**. Promovem e realizam cursos de qualificação e formação. Realizam treinamentos, palestras, eventos, feiras e exposições, objetivando a **inclusão profissional, cultural e digital**. A instituição busca promover o acesso às vertentes da saúde,

esporte, educação, cultura, arte, lazer, aperfeiçoamento da comunicação social e da organização popular. Mantém o compromisso em oferecer capacitação para o embate aos problemas sociais, mediante o desenvolvimento humano e a sua inserção, para a prática de uma cidadania mais consciente e libertadora.

Rota Cultural

Instituto Cultural Congo Nya

O Instituto Cultural Congo Nya (ICCN) é uma Organização Não-Governamental (ONG), de caráter sociocultural e educativo, criada em 2003, na cidade de São Sebastião-DF, que desenvolvem projetos e atividades nas áreas de educação, artes, esportes e sobretudo zelando pela valorização da cultura afrodescendente voltados principalmente para crianças, jovens e adultos de São Sebastião-DF.



Foto: Acervo da Instituição



VIDEO



Batalha de Rima

Movimento cultural promovido por **jovens de periferia**, por meio de rimas, tendo como gênero musical o rap e hip-hop, que acontece toda terça-feira, às 19h, na Praça do Skate, em São Sebastião-DF.



11

Foto: Acervo Batalha do Sk8



VIDEO





Rota Cultural



FLIB

Feira Literária na
Biblioteca do Bosque



Com o objetivo de incentivar a leitura, principalmente na infância, a **FLIB – Feira Literária da Biblioteca do Bosque** reúne em temporadas várias atrações, para levar à região a mágica e a fantasia do mundo dos livros para os jovens da periferia.



VIDEO



Foto: Agenda Cultural Brasília



Movimento do Samba

Evento semanal que **homenageia grandes nomes do samba brasileiro** na cidade de São Sebastião para a população periférica, através de grupos de cantores e músicos deste gênero.



VIDEO



12

Foto: Rede social do movimento





Rota Cultural

A Feira

Feira Permanente de São Sebastião

De acordo com o **pioneiro** Edmilson Campelo Couto, em 1991 o grupo de comerciantes da Rua 48 criou a Associação dos Feirantes. Em julho de 1991, o Pereirinha foi o primeiro presidente. No ano de 1996, com muita luta, os feirantes conseguiram que construissem o Galpão, local onde se localiza a atual Feira Permanente da cidade.

Entretanto, antes dos feirantes se instalarem nesse espaço, o Galpão foi usado pelos estudantes do Centrão, pois a escola passava por reformas e também servia de ocupação dos Moradores Sem Terra (MST) por três meses.

Em 1997, antes dos feirantes ocuparem o seu devido espaço, a Associação dos Feirantes montou todas as barracas, feitas com madeiras, para que os comerciantes pudessem expor suas mercadorias. Após dois anos, a administração trocou as estruturas de madeira por estruturas de ferro.



Em 1997, os produtores rurais se uniram com os comerciantes e hoje, a Feira de São Sebastião **possui 183 bancas**, a qual funciona de **terça a domingo (08h às 18h)** e quatro funcionários são remunerados para manter a Feira.



Foto: Acervo Sebas Turística
Modelo: Shayra Gomes



Rota Cultural

Parque de Exposição



Foto: Registro de Willian Fernandes

De acordo com o **líder comunitário** Fábio Corinthiano, o **Parque de Exposições** concentra a realização de grandes eventos da região, tais como: shows nacionais, locais e com a pista de vaquejada que atrai a comunidade rural e urbana da cidade, assim como as demais localidades. Tendo destaque por ser o segundo maior parque do Distrito Federal, consequentemente gera emprego e renda para a comunidade, por meio da valorização dos eventos locais.

Sertão Sebastião



14 Foto: Portal Indica Brasília

Evento realizado no mês de maio, **resgata a memória e identidade da população** através de raízes culturais, como: catiras, cavalgadas, folia de reis, quadrilhas, brincadeiras de roda, cantigas, saberes populares e comidas típicas.



Rota Ambiental

Horta Girassol

Com 5 mil metros quadrados, a Horta Girassol é considerada a maior horta urbana do Distrito Federal e está situada em São Sebastião, acerca de 20 km de Brasília-DF.






É neste espaço produtivo, que o Projeto **Horta Orgânica de Inclusão Social e Cidadania** é desenvolvido, com o objetivo de ensinar a alunos com deficiências físicas e/ou intelectuais, voltada também para a população periférica. O projeto é reconhecido pela ONU e já teve sua primeira exibição anual na Feed Your City.

Foto: Acervo Sebas Turística



15

Rota Ambiental

Cachoeira Tororó



Foto: Blog Leve na viagem

Localizada a 35 km de distância do centro da cidade, o nome “Tororó” vem do tupi guarani e significa “enxurrada”. É um local de fácil acesso e conhecido pela população de São Sebastião, considerado um dos pontos turísticos mais conhecidos e visitados pelos sebastianenses.

VIDEO



Mirante de São Sebastião



16

Nós do Sebas Turística entendemos que a paisagem cultural de São Sebastião é única e peculiar pela presença dos morros da região que compõem a interação entre a intervenção humana e a natureza. Um dos exemplos são as paisagens culturais no **Morro Azul**, **Morro da Cruz** e a contemplação desses morros, como no bairro **Vila do Boa** e **Capão Comprido**, que formam espetaculares mirantes.

Foto: Mozart Silva

Rota Ambiental

Cachoeira São Bartolomeu

Localizada no bairro **São Bartolomeu**, a cachoeira é conhecida pelos moradores da região e é uma ótima opção para o público que tem a preferência por turismo de aventura e turismo ambiental.



VIDEO

Foto: Acervo Sebas Turística

Praça do Laguinho do Morro Azul

Na Quadra 11 do Morro Azul, existe uma praça que foi urbanizada e conservada pela moradora Dona Conceição. Ela liderou um movimento junto com os moradores da região para conservar as nascentes que existem no Morro Azul.

No espaço, existe um pequeno lago onde tem peixes, tartarugas e lindas flores, consequentemente sendo um ótimo local para ocupar, tirar fotos e passar um fim de tarde.



VIDEO

Foto: Acervo Sebas Turística



Rota Ambiental

Parque Ecológico do Bosque

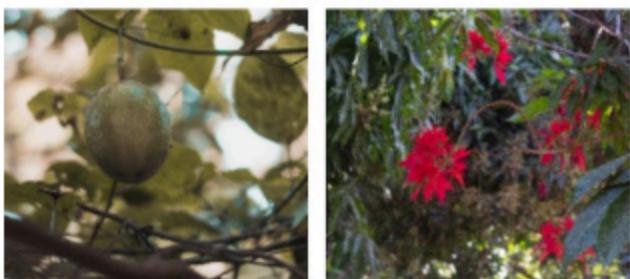
O parque foi criado em 1994 e o espaço corresponde a 177.730 mil metros quadrados.



Composto por uma área cercada de preservação ecológica e outra de convivência social. Na parte preservada vive uma **vegetação rara** no Distrito Federal, chamada de mata mesofítica ou mata seca. Nela podem ser encontradas diversas espécies do cerrado como **Aroeira, Amburana, Chichá, Carvoeiro**, entre outras.



Todo terceiro domingo do mês é realizado em São Sebastião o evento “**Domingo no Parque**”, que tem por objetivo ocupar o espaço público, democratizar o acesso à cultura e conscientizar sobre a importância da preservação do meio ambiente. Essa iniciativa é organizada pelo movimento cultural **Supernova**.



VIDEO

Fotos: Acervo Sebas Turística
Movimento Super Nova



Rota Artística

Chico Metamorfose



VIDEO

Foto: Acervo Sebas Turistica

Chico é um artista cultural independente e que promove o **projeto Metamorfose**. O projeto surgiu em 1987, com o propósito de descobrir e formar novos talentos e em seu acervo estão catalogadas mais de 200 obras do artista Chico Metamorfose e ex-alunos que hoje seguem carreira artística. Um dos maiores atrativos artísticos em São Sebastião é o **Beco do Metamorfose** com vários painéis pintados no bairro Centro em São Sebastião feitos por Chico e artistas locais.

Ricardo Caldeira

Artista visual e um dos personagens culturais importantes para a cidade, tem 33 anos, residente em São Sebastião-DF e foi diretor artístico da **RAXIV Galeria**. Estudou Teoria, Crítica e História da Arte (UnB). É criador do ateliê aberto **Desenhandanças**, projeto onde compartilha princípios do seu processo criativo como uma preparação corporal para o fazer artístico.



Foto: Jornal de Brasília



VIDEO

19



Rota Artística

Fazenda Barthô Naif



Localizada no bairro Capão Comprido às margens do rio São Bartolomeu no Distrito Federal, uma fazenda de 35 hectares na qual “quem manda” não é um coronel fazendeiro do tempo das oligarquias e escravidão. Lá, na Fazenda Barthô Naif, quem manda é a ecologia, a sustentabilidade e a arte. Mais especificamente a arte “naïf”, de artistas autodidatas que desenvolvem uma linguagem pessoal e original de expressão.

A arte naïf é espontânea, informal, poética e popular. Mantém contato com fontes eruditas e folclóricas. Suas características gerais são encontradas em vários períodos históricos. Quem formou e coordena a fazenda é o agrônomo Odécio Visintin Rossafa – caipira, curador e colecionador de arte naïf. Garcia, filho de agricultores do oeste paulista, é nascido em Santa Fé do Sul (SP), às margens do Rio Paraná.



Ateliê Cultural Cactus

Espaço de trabalho e aberto à visitação desde que agendado. Realiza consultorias em arte, exposições, atividades sócio educativas e culturais, em São Sebastião e em parceiros pelo DF e fora. Sendo coordenado pelo premiado artista plástico Gersion de Castro Silva, artista plástico Naif e premiado pela nona Bienal de Piracicaba.





Rota Artística

Nanda Pimenta

Que tal conhecer a poesia de São Sebas com Nanda Fer Pimenta. É uma artista negra periférica e autora da **obra literária “Dengo”**. A obra faz referências a elementos presentes desde a infância da artista. Muito emotiva, sua mãe a chamava de menina dengosa. O dendê, iguaria típica de sua terra, a Bahia, também é uma forte inspiração. O alaranjado que nos abraça, o sabor forte



Foto: UNB TV



que tempera e sustenta sua poética. Dengo é uma perspectiva ancestral africana de construção afetiva pessoal, conjugal e também de cuidado com sua comunidade.



Kaoka Ovidio

Um dos sambistas mais importantes do Distrito Federal e com mais tempo de atividade em Brasília, Kaoka Ovídio, chegou em Brasília em 1985, o sambista teve passagem vitoriosa pela Unidos do Cruzeiro (Aruc), agremiação na qual venceu vários concursos de samba-enredo. “Na quadra da Aruc, houve shows de Jovelina Pérola Negra, Neguinho da



Beija-Flor, Almir Guineto, Wilson das Neves e Dominguinhos do Estácio”, lembra. Ele também já fez marchinha para o tradicional bloco Pacotão e foi vocalista do grupo Papel Marchê. Em São Sebastião é realizado **projeto de referência como o “Roda de Samba vai às escolas”**.



Foto: Rede social de Kaoka

Rota Social

Brinquedoteca Ludocriarte



Ação sócio-educativa para crianças, adolescentes e seus familiares por meio da linguagem lúdica, artística e cultural.

Foto: Métropoles

Acampamento Marielle Franco



O acampamento Marielle Franco encontra-se localizado no Núcleo Rural do Capão Comprido, em São Sebastião-DF. Tem aproximadamente 58 famílias em situação de vulnerabilidade social, dentre elas, idosos, crianças e mulheres. O assentamento vem dando função social ao imóvel rural, conforme os arts. 5º inc. XXIII e 186, da Constituição Federal, através da agricultura familiar desenvolvida no local, que tem colaborado para o sustento da comunidade.

 Foto: Brigadas Populares

Rota Social

Acampamento Tiradentes

O Acampamento Tiradentes encontra-se localizado no Núcleo Rural do Capão Comprido, em São Sebastião-DF. É um núcleo rural constituído por várias famílias de produtores rurais locais, que comercializam produtos naturais da região.



Foto: Agência Brasília

VIDEO



Casa Paulo Freire

Inspirada na filosofia do notável e inesquecível **educador Paulo Freire**, a Casa de Paulo Freire é mais que uma escola de alfabetização de jovens e adultos.

*É UM ESPAÇO
ONDE SE
CONSTRÓI
A CIDADANIA.*



VIDEO



Foto: Rede social da Casa de Paulo Freire



Rota Lazer

Campo Central



Campo sintético localizado na **região central** de São Sebastião, sede dos principais campeonatos de futebol da cidade.

Foto: Mozart Silva

VIDEO



Clube da Família



Parque aquático da **região** e que foi fundado na cidade em 1998. Um ótimo atrativo para levar o seu núcleo familiar para aproveitar o dia com piscinas e arborização.

Foto: Rede social do Clube da Família

Clube do Dino



Clube de recreação e lazer no **Morro da Cruz**, possui área de pesque pague, chalés, piscinas, quadras poliesportivas, churrasqueiras e bar. É um ambiente muito agradável e familiar.



VIDEO



Foto: Rede social do Clube do Dino

Rota Lazer

Rancho Aguilhada

O Rancho Aguilhada tem uma ótima localização, a qual não é necessário sair do DF para ter um lugar de paz e harmonia com a natureza, tendo apenas 34 Km da rodoviária de Brasília - DF.



Foto: Terra notícias

Fazenda Taboquinha

Uma boa opção para quem busca turismo e lazer, seja aventura ou uma atração mais sossegada, a Fazenda Taboquinha é sempre uma boa pedida em São Sebastião. Com 1.600 hectares e localizada a 28 Km da Rodoviária do Plano Piloto, 17 Km da Ponte Jk e a 14Km da QI 29. A fazenda é considerada uma referência de Turismo Rural na região, e tem como destaque a realização da Psycontrance, um dos maiores festivais de música eletrônica do Centro Oeste.



Foto: Visite Brasilia



Rota Hospedagem

Royal Hotel



Foto: Rede social do Hotel Royal

Hotel Royal é um novo conceito na cidade e região.

Possui apartamentos com ar, TV a cabo, frigobar e piscina, com estacionamento privativo.



Hotel Oyo Brisa Tropical

O OYO Hotel Brisa Tropical possui um estabelecimento aconchegante e confortável, com recepção 24 horas e fica próximo ao Parque Ecológico Residencial do Bosque de São Sebastião.



Foto: Site oficial do Hotel Oyo

Cabana Valley



A Cabana Valley é o mais novo conceito de hospedagens românticas, em meio a um vale com uma vista lindíssima para as montanhas. Projetada e idealizada para proporcionar momentos inesquecíveis e românticos e para quem deseja relaxar com elegância.



Foto: Rede social da Cabana



Ficha Técnica

Equipe Sebas Turística

Aline Karina de Araújo Dias - CEO
Luciano de Sá - Supervisão
Quezia Barbosa Vieira Santos - Direção
Thanity Andrade - Coordenação

Parcerias

Edital Nacional Elas Periféricas - Fundação Tide Setubal
Plataforma ALAS - Apoio ao Desenvolvimento de Lideranças Negras
Associação de Trabalhadores de Baixa Renda - ATBR
UmBitCriativo - Lucas Sant'Ana
Polaris Jr.





Fonte: Sebas Turística (2022)